

\*\*\*\*\*  
Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. In:  
F.C.Straube ed. **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os Resumos do IX  
Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001).  
Curitiba, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. p. 43-116  
\*\*\*\*\*

## História da Ornitologia no Paraná

*Fernando Costa Straube*<sup>1</sup>

e

*Pedro Scherer-Neto*<sup>2</sup>

*“Não há geração, por maior e mais brilhante, que seja obra exclusiva de si mesma, senão, primeiro que tudo, produto de todas as que passaram” (Rocha Pombo).*

### INTRODUÇÃO

O capítulo que abre o "Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia", publicado em 1995, foi idealizado e concebido com a pretensão de ser, uma edição após a outra, ampliado e enriquecido com as informações colhidas das mais variadas fontes, documentais e humanas.

Assim, além de nosso esforço em busca da inatingível tarefa de uma lista completa das aves que ocorrem no Paraná e dos vestígios históricos com ela envolvidos, procuramos incluir informações não tradicionalmente consideradas em pesquisa deste tipo. Era necessário confrontar as fontes, procedimento exigido em qualquer estudo histórico, levando-se em conta as múltiplas facetas dos interesses e obrigações aos quais estavam submetidos aqueles que fizeram o alicerce da Ornitologia paranaense. O resultado é esse, que modestamente apresentamos à comunidade ornitológica brasileira e que abre esse momento festivo e honroso de podermos realizar um evento como o Congresso Brasileiro de Ornitologia na capital do Paraná, neste primeiro ano do Século 21.

Trata-se, sem dúvida, de um trabalho não infinito (como foi o desejo de vê-lo publicado), mas limitado por um horizonte no qual se vêem as letras quase indeléveis rabiscadas em rótulos de museu, em artigos e livros, científicos e de divulgação, adoçadas por alguns detalhes pessoais dos ilustres visitantes que aqui chegaram desde o Século XVI. Muito há de ser feito ainda, com os mesmos propósitos. Além de naturalistas menos conhecidos, mas que visitaram, sob duras privações, os limites do Paraná, resta muito a ser descoberto. É quase certo, por exemplo, que coletores

---

<sup>1</sup> *Mülleriana*: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais. Cx.P. 1644. Curitiba, PR. 80011-970; e-mail: juruva@milenio.com.br.

<sup>2</sup> Museu de História Natural Capão da Imbuia (Prefeitura Municipal de Curitiba). R.Benedito Conceição, 407. Curitiba, PR. 82800-080; e-mail: schernereto@bbs2.sul.com.br.

consagrados em outros campos da História Natural devem ter contribuído com peles, em alguns casos em quantidade considerável, para o acervo de vários museus do Brasil e do mundo, alguns famosos, outros pouco conhecidos ou inativos. Diversas expedições - inclusive aquelas que contaram com a participação de um único coletor - deverão ter seu itinerário e legado investigado. E, por certo, a pesquisa não deve se restringir aos acervos de naturalistas que se dedicaram à Ornitologia, mas também àqueles que o fizeram secundariamente, enquanto obtinham preferencialmente os espécimes de outros grupos biológicos. Que dizer, por exemplo, dos botânicos famosos que por aqui passaram: John Tweedie (no Paraná em 1826), Gustav Wallis (1854-1859), John Weir (1862-1863), Julius Platzmann (1858-1864), Karl A.W.Schwack (ca.1880), Per Karl Hjalmar Dusén (1903-1916)? Que dizer sobre os colonizadores europeus, bastante habituados a um grande interesse pelos seres vivos e que, desta forma remetiam lotes esporádicos de espécimes para os museus de seus países? E, ainda, que adicionar daqueles outros naturalistas que anotaram simplistamente em seus manuscritos e rótulos, a indicação de "São Paulo" que, até o ano de 1853, abrigou toda a região que hoje é conhecida como Paraná?

Uma grande e importante missão futura, desta forma, compreenderá a busca mais detalhada e criteriosa pelos acervos de todo o mundo, especialmente os europeus, na procura por documentos e mesmo espécimes obtidos nessa região. As muitas nuances de estudos deste tipo servem muito para que tenhamos cada vez mais firme o propósito de continuá-lo. Esse resgate de documentos, de informações e de relatos que, dentro de algumas décadas, ficarão gradativamente mais inacessíveis dos pesquisadores, são principal objetivo desse trabalho.

## **OS PRIMÓRDIOS DA ORNITOLOGIA PARANAENSE E SUA SUBDIVISÃO HISTÓRICA**

Scherer-Neto e Straube (1995) dividiram a História da Ornitologia no Paraná em quatro épocas: "Período de Natterer" (incluindo todos os esforços ornitológicos regionais do Século XIX), "Período de Chrostowski" (início do Século XX até a década de 30 do Século XX), "Período de Mayer" (entre as décadas de 40 e 60 do Século XX) e "Período Atual" (a partir da década de 70 do Século XX). Os três primeiros intervalos cronológicos são alusivos aos seus mais importantes colaboradores para a pesquisa de aves silvestres no Estado e, por motivos vários, os únicos a serem abordados no presente estudo.

Essa distinção de épocas traz em si, um valor maior do que o simbólico, justa homenagem aos abnegados coletores e pesquisadores do passado; ela ilustra também o panorama político e social das investigações zoológicas no Brasil como um todo e especialmente no Estado do Paraná, tendo ainda relação com a situação política dos próprios países de origem dos naturalistas envolvidos.

A reconstituição de itinerários dos naturalistas que estiveram no Paraná a fim de coletar material para museus de todo o mundo, é uma tarefa não apenas importante como básica. Entretanto, estudos dos percursos por eles percorridos, associados a informações históricas das variadas épocas, são muito escassos e, em geral, restringem-se a dados pontuais das localidades visitadas (Straube, 1993).

Há que se considerar, que os próprios viajantes não foram muito criteriosos na anotação dos locais em que trabalharam, utilizando-se com frequência de topônimos imprecisos ou demasiadamente generalistas. Suas anotações de campo, inclusive,

difícilmente têm acesso franqueado aos historiadores, restando apenas a possibilidade de abstrações baseadas em fontes secundárias (rótulos de exemplares, publicações posteriores, informações de terceiros).

Para amplificar o problema, as obras de consulta paralela (mapas, dicionários geográficos ou *gazetteers*) mais antigas - que aproximam com maior fidedignidade as denominações toponímicas - sofrem acentuado e gradativo processo de deterioração, ao tempo em que nomes de localidades alteram-se de acordo com a política local vigente.

De antemão, pode-se afirmar que o Paraná não foi muito privilegiado pela visita de naturalistas viajantes, como tanto o foram outros estados do Brasil. Trata-se de um panorama muito diferente daquele presenciado em outras regiões brasileiras, entre os séculos XVII e XVIII. Regiões contempladas com estudos minuciosos, à maneira antiga, foram o nordeste, objeto de estudo de MARCGRAVE e PISO (Teixeira, 1992), a Amazônia de ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (Vanzolini, 1996) e o sudeste do século passado (Papávero, 1971; Pinto, 1979; Sick, 1997), apenas a título de exemplos clássicos.

Nesse tempo, a Zoologia fez rápidos progressos, graças à interação de mecanismos para a aceleração do conhecimento de faunas (o que levou a uma conscientização zoogeográfica) e aperfeiçoamento dos métodos em sistemática, fato aplicável a todos os grupos animais (Vanzolini, 1996). Não é exagerado usar como exemplo que, a obra máxima da classificação dos seres vivos, de autoria do sueco Carolus Linnaeus, haja surgido em meados do Século XVIII, época que coincide perfeitamente com esse período de transição, berço de uma Zoologia mais racional do que filosófica.

No caso particular do Paraná, isso não ocorreu; os registros de espécies de aves, anteriores ao Século XIX (e mesmo com raras exceções até o início do século presente), além de raros, consistiam de relatos pouco expressivos de viagens de exploração. Quando muito, as viagens que contemplavam o sul do Brasil, restringiam-se a estadias de navios que empreendiam a circum-navegação do globo, emergencialmente autorizados a aportar no litoral de Santa Catarina (Nomura, 1998). Em situações particulares apenas, calcadas em um senso exagerado de territorialidade, expedições se formariam com o propósito de, aos poucos, ter completo domínio das colônias, culminando com uma penetração mais acentuada pelo interior do continente.

Nesse padrão incluem-se as famosas peregrinações de ALVAR NUÑEZ CABEZA DE VACA e de ULRICH SCHMIDEL, que pretendiam consolidar os limites definidos pelo Tratado de Tordesilhas e buscavam um caminho mais adequado para atingir o interior da América do Sul, particularmente o Paraguai e a Argentina, pelos planaltos do sul do Brasil.

Invariavelmente, tais viagens não possuíam caráter especificamente científico e voltavam-se a meras descrições de regiões desconhecidas, com vistas a esboços de colonização e mesmo busca por minerais preciosos e tesouros. Quando muito adicionavam-se informações sobre animais mais conspícuos ou que chamassem atenção pelo porte ou valor cinegético e, no caso do Paraná, nunca com uma localização geográfica mais precisa que lhe conferisse ao menos o valor histórico.

A CABEZA DE VACA, que em pleno Século XVI atravessou o Paraná de leste a oeste em apenas dois anos (1541-1542), tem-se atribuído registros de animais no impreciso topônimo “S.Catarina-Paraná” (Feio, 1953), os quais devem ser remetidos, com certas restrições, ao último estado, já que sua passagem por Santa Catarina restringiu-se à porção litorânea da região nordeste (Maack, 1968). Isso fica ainda mais evidente se considerarmos que o ínfimo rol de espécies citadas (e ainda menor das passíveis de identificação), são táxons típicos de formações campestres, existentes no

planalto meridional brasileiro e incompatíveis com a composição avifaunística do litoral catarinense.

Além das citações clássicas de “codornas”, “perdizes” e “patos”, uma menção específica se destaca em particular; trata-se da “avestruz”, alusão evidente à ema (*Rhea americana*) que, no Paraná é conhecida atualmente apenas por informações históricas na região de cerrados da década de 70 (Scherer-Neto *et al.*, 1996).

Adicionalmente, de ‘ULRICH SCHMIDEL de Straubing, que aventurou-se de 1534 a 1554 em terras da América meridional, inclusive o Brasil, [também] aproveitamos pouco: ‘...avestruzes (emas), galinhas (provavelmente cracídeos como jacus) e patos criados pelos aborígenes, *Cairina moschata*’ (Sick, 1997). No Paraná, SCHMIDEL esteve entre os anos de 1552 e 1553, atravessando o território estadual em uma diagonal no sentido sudoeste-nordeste até chegar ao litoral de São Paulo (Maack, 1959, 1968).

Essa total inexistência, em tempos pretéritos, de um interesse maior pela área compreendida pelo Estado do Paraná é totalmente explicável: localiza-se em posição de transição sob o ponto de vista fitogeográfico. É limite norte de distribuição da mata de araucária e dos campos meridionais; é limite sul da ocorrência do cerrado, e quase que também o seria da floresta estacional (que atinge o noroeste do Rio Grande do Sul ao longo de uma estreita e inexpressiva faixa que segue pelo Rio Uruguai) e da mata atlântica (que chega, com pouca importância ao nordeste gaúcho).

Sua dependência política com o Estado de São Paulo, também dificultou a análise e aproveitamento de uma série de informações, atribuídas simples e genericamente à “Província de São Paulo”, sem qualquer possibilidade de precisar localidades (DIOGO DE TOLEDO LARA E ORDONHES no século XVII, MANOEL AIRES DE CASAL no Século XIX e vários outros).

É justo, por essa razão, admitir que a Ornitologia no Paraná iniciou apenas no ano de 1820, como consequência da valiosa contribuição do austríaco Johann Natterer, sobre cuja contribuição assenta todo o conhecimento produzido até os dias de hoje.

### **“PERÍODO DE NATTERER” (Século XIX)**

O Século XIX, por suas características políticas e sociais, pode ser subdividido, para os propósitos das ciências zoológicas no Brasil, em dois períodos bem definidos. O primeiro, iniciado em 1816 (“data histórica para a nossa ornitologia” segundo Pinto, 1979), diz respeito às imediatas consequências da abertura dos portos às nações amigas, determinada por D.João, que causou um grande afluxo de naturalistas viajantes a toda a América do Sul, especialmente ao Brasil (Pinto, 1945, 1979; Guix, 1995; Sick, 1997). Outros episódios políticos importantes tiveram vez nesse período, particularmente a inevitável mudança da corte real portuguesa, em consequência da invasão desse país pelos exércitos napoleônicos (Goeldi, 1896; Ihering, 1902; Vanzolini, 1996). Até esse período, o Brasil era simplesmente fechado aos estrangeiros; viajar, particularmente para forasteiros, dentro dos domínios portugueses do Novo Mundo, foi virtualmente proibido pelas autoridades do Século XVIII (Manthorne, 1996).

Os objetivos principais, nesse intervalo cronológico, eram a busca por informações científicas e, preferencialmente espécimes, colhidas com grandes dificuldades por expedições minuciosamente preparadas. Tais viagens apresentavam características muito marcantes, em grande parte ligadas às novas e desconhecidas condições que as terras ignotas da América proporcionavam.

É certo, por exemplo, que os naturalistas mais famosos e, em muitos casos os mais produtivos, mantinham contacto entre si, seja pessoalmente, por correspondências ou por leitura de diários, publicados ou não. Assim, eles podiam planejar suas viagens com bastante antecedência, prevendo todo o percurso e os melhores pontos para estabelecer suas bases principais, a partir das quais realizariam incursões pelo interior afora. E planejamento, na época, incluía a existência de portos grandes, associados à boa conservação dos caminhos existentes e disponibilidade de animais de carga a preços acessíveis e excelentes condições físicas. Nesse aspecto, introduz-se outro determinante: o transporte, já que as principais formas de deslocamento no Século XIX, eram por meio de animais de carga (equinos e muares) quando por terra e por navio, quando por mar.

Nesse sentido, a coincidência nos itinerários de várias expedições estrangeiras ao Brasil, não devem ser exclusivamente atribuídas ao intercâmbio entre os naturalistas e sim à restrição de linhas de deslocamento (caminhos coloniais) e aos pontos de partida ou chegada (capitais de províncias e de comarcas, portos, “registros de cavalgaduras” etc.). Esse limitante, associado ao evidente temor por hostilidades dos índios, fizeram com que maior parte das expedições não se aventurassem em demasia pelo interior.

O padrão geográfico da maior parte das expedições ao Brasil, ficou então, concentrado em linhas de itinerário comuns a quase todos os naturalistas que as empreenderam. Aparentemente, acabou-se por visitar locais já antes estudados, propiciando resultados muitas vezes coincidentes.

Esse é um dos motivos pelos quais o Paraná hospedou tão pequeno número (e em tão restrita área geográfica, concentrada na metade oriental do Estado) de exploradores estrangeiros no Século XIX, situação repetida em outras regiões do Brasil como o interior do nordeste e o pantanal sul-matogrossense.

Aspecto interessante é a coincidência da presença de visitantes estrangeiros exatamente no início dos processos separatistas da Província do Paraná em 1821 e apenas findados, com a sua emancipação em 1853. Nesse ínterim, algumas manifestações causaram situações políticas conturbadas, algumas delas belicosas, inclusive a Guerra da Cisplatina e a Revolução Farroupilha, da qual o Paraná participou indiretamente.

O segundo período do Século XIX, não teve consequências imediatas à Ornitologia paranaense, mas contou com episódios políticos que futuramente delinearão muitas das iniciativas científicas naquele território (*vide* T.CHROSTOWSKI). Tratam-se dos incentivos governamentais à colonização estrangeira no sul do País, iniciados em 1850, graças a inúmeros instrumentos legais. Assim enquadra-se a “Lei de Terras” (Lei nº 601 de novembro de 1850), que deu especial atenção e favorecimento à colonização, ofertando propriedades aos interessados (especialmente alemães, italianos, poloneses e ucranianos) e as devidas condições para estabelecimento de frentes agrícolas.

Em princípio, as atividades dos imigrantes foram concentradas na criação de “quistos étnicos no além-mar”, de forma a propiciar a obtenção de matéria-prima fácil e barata, subjugando-se a “raça inferior nativa” (Richter, 1986). Isso pode ser verificado no próprio contingente germânico instalado no sul do Brasil no fim do século passado: 15% da população do Rio Grande do Sul, 20% da de Santa Catarina e 7% do Paraná (Richter, 1986). Na realidade, desde mesmo os tempos de CABEZA DE VACA, época que pode ser chamada de Renascimento, havia um consenso geral sobre a necessidade de “europeizar” a América e o mundo (Theodoro, 1996).

Ao fim dessa filosofia, começam a surgir novos objetivos para as vindas de estrangeiros, resultado de uma pressão da população e dirigentes políticos brasileiros

contra o expansionismo passivo das grandes potências. Esse novo sentido diplomático viria, então, delinear os propósitos locais e oriundos do exterior, quanto às explorações científicas em território paranaense.

O novo rumo passou, com maior ênfase, a acompanhar os campos da Geologia, visto seu relacionamento com as riquezas naturais economicamente exploráveis, cujas jazidas já encontravam-se bastante conhecidas nos estados adjacentes. Não por acaso, fôra ele baseado no suporte dado pelas observações dos mesmos naturalistas de tempos anteriores, como SAINT-HILAIRE, SELLOW, SPIX e MARTIUS (Maack, 1968).

### **JOHANN NATTERER (1820-1821)**

O “Período de Natterer”, alusão ao austríaco JOHANN NATTERER, foi marcado pela chegada, ao Brasil, de três importantes grupos bávaro-austríacos, que iriam mudar definitivamente a História da Biologia no Brasil. Esses grupos engajaram-se à esquadra monárquica da arquiduquesa Leopoldina da Áustria, vinda para o Brasil para casar-se com D. Pedro I do Brasil (Goeldi, 1896; Ramirez, 1968).

O primeiro deles consagrou, e com justiça, dois naturalistas alemães: JOHANN BAPTIST VON SPIX e de KARL FRIEDRICH PHILLIP VON MARTIUS, esse mais voltado à Botânica e Antropologia e aquele à Zoologia (para maiores detalhes dessas expedições *vide* Spix, 1824, 1825; Spix e Martius, 1823-1831; Sick, 1983; Vanzolini, 1981, 1996); o segundo grupo era formado apenas pelo botânico italiano GIUSEPPE RADDI (Goeldi, 1896; Vanzolini, 1996).

O terceiro grupo da citada esquadra de Leopoldina, por sua vez, é o que relaciona-se efetivamente com os propósitos da Ornitologia paranaense. Trata-se da equipe liderada pelo austríaco JOHANN NATTERER que, a serviço do Museu de Viena, dedicou 18 anos à História Natural no Brasil (incluindo grandes extensões da Amazônia e regiões centro-oeste e sudeste), oito meses dos quais ao Paraná, seu limite meridional de viagem (para revisões da expedição *vide* Rokitansky, 1957; Paynter-Jr. e Traylor-Jr., 1991; Vanzolini, 1993; Straube, 1993).

NATTERER e seu ajudante DOMINICK SOCHOR visitaram, entre setembro de 1820 e maio de 1821, uma pequena área da região oriental paranaense, pesquisando e coletando espécimes em diversas localidades na planície litorânea, na Serra do Mar, bem como no primeiro (mata de araucária e campos de Curitiba) e segundo planaltos (campos de Ponta Grossa e cerrado de Jaguariaíva).

Entre esse material haviam aves de bionomia até então totalmente ignorada, assim como espécies ainda desconhecidas para a ciência. As peles obtidas por NATTERER receberam especial valor devido às anotações de campo sobre cada espécime, nas quais relatava cuidadosamente dados importantes como características morfológicas, anatômicas e até comportamentais (Goeldi, 1896; Ihering, 1902). A maior parte de seus manuscritos, contudo, foi perdida em um incêndio ocorrido no Museu de Viena em 1849 (Pinto, 1979; Sick, 1997), resultando na perda irreparável de um dos maiores e mais importantes bancos de dados sobre aves do neotrópico. Consta, contudo, que a coleção de aves obtida no Brasil, encontra-se ainda intacta, sob a guarda do *Naturhistorischen Museum* de Viena, Áustria. É muito provável que alguns exemplares tenham sido destinados a outras instituições, por permuta ou cessão, mas, até o presente, tal afirmação não passa de especulação.

Os manuscritos de NATTERER foram amplamente utilizados como base para várias descrições de táxons, na época tidos como novos. Deles fizeram uso, por exemplo, C.J. Temminck (Temminck, 1822, 1823, 1824) e principalmente August von

Pelzeln, que revisou praticamente toda a coleção de aves (na obra clássica *Zur Ornithologie brasiliensis*) e mamíferos (Pelzeln, 1859, 1868, 1871 e 1883).

Com localidade-tipo paranaense, seja por determinação original, seja por indicação posterior (mas também baseada em informações de NATTERER), pode-se citar 13 táxons, assim como vários outros, atualmente considerados sinônimos-junior.

Informações sobre ocorrências de espécies foram, em vários casos, também importantes, destacando-se táxons raros e pouco conhecidos no Brasil: *Eleothreptus anomalus*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Culicivora caudacuta*, *Piprites pileatus*, *Orchesticus abeillei*, *Amazona brasiliensis*, *Amazona vinacea*, *Tigrisoma fasciatum*, *Eudocimus ruber* ou no Paraná e regiões limítrofes: *Nothura minor*, *Taoniscus nanus*, *Alectrurus tricolor*, *Pachyramphus viridis*, *Phibalura flavirostris*, *Schistochlamys ruficapillus*, *Sporophila plumbea*, *Sporophila hypoxantha*, *Sicalis citrina*, *Ara chloroptera* e *Gallinago undulata* (Pelzeln, 1871; Straube, 1993).

Outra informação valiosa, sob o ponto de vista histórico, é que quando em solo paranaense, NATTERER e SOCHOR concentraram suas atividades na coleta de aves, não havendo obtido nenhum espécime de mamífero (Pelzeln, 1883), tal como seria de se supor avaliando-se seu rendimento em outras regiões brasileiras (Goeldi, 1896). Essa é uma situação no mínimo inusitada, visto que ele próprio pretendia publicar um extensivo estudo mastozoológico, com base no volumoso material obtido no Brasil (Hershkovitz, 1987). Além disso, exemplares eventualmente coletados no sul, especialmente das regiões mais frias com campos e matas de araucária deveriam ser, no mínimo, importantes do ponto de vista biogeográfico. Sobre os répteis, é provável que todo o material obtido tenha se perdido no incêndio do Museu de Viena, uma vez que inexitem quaisquer citações em estudo compilatório recente (Vanzolini, 2000).

Todas essas viagens acima citadas, foram contemporâneas de outras bastante conhecidas, como a prolífica expedição de MAXIMILIAN A. PHILLIP, príncipe de Wied-Neuwied (Wied-Neuwied, 1820a, 1820b, 1821, 1830-1833; Bokermann, 1957) e as participações mais célebres do que produtivas do francês AUGUSTIN PROVENÇAL DE SAINT-HILAIRE (Saint-Hilaire, 1822, 1871) e do alemão GEORGE HEINRICH VON LANGSDORFF (ou, na transliteração do russo, Grigory Ivanovich Langsdorff) (Bertels *et al.*, 1988). A peregrinação do primeiro, infelizmente, não contemplou o Paraná, situação diferente das duas últimas, cujos resultados têm importância mais ilustrativa e descritiva da paisagem original do que propriamente zoológica.

### **AUGUSTIN FRANÇOIS PROVENÇAL DE SAINT-HILAIRE (1820)**

SAINT-HILAIRE era botânico (sua valiosa contribuição ao conhecimento da flora do Brasil foi comparado à de Martius) e chegou ao Brasil junto com o zoólogo Pierre Delalande, que ficou restrito ao Rio de Janeiro, estudando principalmente beija-flores, seu maior interesse (Sick, 1997). Na realidade, a coleção de aves de SAINT-HILAIRE chegou a nem 460 exemplares, uma parte preparado para exposição, outra em posição científica (J. Cuisin, 1997 *in litt.*).

Embora criterioso nas suas descrições sobre aspectos sociais e fitofisionômicos da região leste do Paraná, onde esteve durante o ano de 1820, pouco contribuiu para o conhecimento da avifauna, que não relatos sobre espécies mais marcantes nas suas peregrinações ou alguns exemplares, posteriormente estudados por Louis J.P. Vieillot, de Paris (Pinto, 1979).

Dois exceções devem ser abertas ao trabalho ornitológico de SAINT-HILAIRE no Paraná. Uma relaciona-se aos exemplares de *Tyrannus albogriseus* (sinônimo-júnior de *Heteroxolmis dominicana*), *Synallaxis setaria* (hoje *Leptasthenura setaria*) e *Tangara*

*chloroptera* (que adquiriu *status* subespecífico em *T.cayana*) coletados pelo naturalista francês e que serviram de base a descrições atribuídas, respectivamente, a Lesson, Temminck e Vieillot (Pinto, 1978). A segunda, e talvez mais importante, relaciona-se com as menções ao guará (*Eudocimus ruber*) em duas localidades dos manguezais: nas proximidades da cidade de Paranaguá e na chamada Ilha dos Guarás, situada nas adjacências de Guaratuba (Saint-Hilaire, 1851).

Seus espécimes encontram-se, em grande parte, depositados no *Museum national d'Histoire naturelle* de Paris, mas é provável que ao menos uma parte dele tenha se dispersado por acervos de outros locais da França, consequência da doação a museus provinciais da França e mesmo comércio de peles, procedimentos que se instalaram naquela instituição até a década de 30 (J.Cuisin, 1997 *in litt.*).

### **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF (1826)**

Sobre a famosa Expedição liderada pelo alemão George Heinrich Langsdorff (ou Grigory Ivanovich Langsdorff), além do pouco material bibliográfico disponível (Ihering, 1902), pode-se afirmar que os seus integrantes dedicaram não mais do que dois meses (fevereiro a março de 1826) à chamada “Comarca de Curitiba” da qual foram obrigados a retornar quando atingiram a cidade de Castro, devido às enchentes do rio Iapó (Bertels *et al.*, 1988). O próprio Langsdorff não teve a oportunidade de visitar o Paraná, cabendo todo o material obtido no estado, ao esforço de outros integrantes da Expedição.

Esse episódio é constatado nos diários de Langsdorff, quando citava que pretendia “...visitar, no decorrer dos seis meses seguintes, a Comarca de Curitiba (ainda pouco estudada)” (Bertels *et al.*, 1988) e significa que mais uma vez o Estado do Paraná fôra privado da visita de uma expedição de grande vulto, ainda que os resultados zoológicos desta, como um todo, tenham se concentrado no campo artístico (Vanzolini, 1996). A Expedição, na realidade, teve menos fama pelos espécimes obtidos por alguns integrantes, especialmente Edouard Ménétriès, e sim pela divulgação que a ela se fez, com méritos ao famoso trabalho pictórico de TAUNAY, Florence e Rugendas. Esse último foi o que tornou-se mais célebre no Brasil, mas raramente ilustrava espécies animais em suas pinturas; quando muito, elas eram mediocrementemente representadas ou incluíam espécies de ocorrência incompatível com o cenário retratado (p.ex. flamingos em uma mata escura do Rio de Janeiro, *vide* Sick, 1997). É de se mencionar ainda, que, do material coligido por Ménétriès, “nem tudo pôde aproveitar-se em benefício da ciência, visto lhe faltarem etiquetas com indicações precisas sobre lugares e datas em que foram obtidos os exemplares” (Pinto, 1979).

Quanto à inexpressiva contribuição ao Paraná, além de não termos conhecimento sobre espécimes, tudo o que pôde ser levantado por enquanto, são aquarelas do pintor AIMÉ ADRIEN TAUNAY, retratando algumas espécies comuns (e.g. “caracara”: *Polyborus plancus*; “garca branca”: *Egretta alba*) nas quais as devidas procedências são mencionadas vaga e imprecisamente como: “*Sur le chemin de Sorocaba à Castro*” ou “*Fait pendant la digression de Sorocaba à Castro*”. O mesmo se aplica a alguns dos manuscritos do próprio Langsdorff, alguns deles com títulos explicitamente voltados à Ornitologia (*Verzeichnis der Vögel weiche auf der Reise von der Fabrica de Ferro St.João de Ypanema vom 16-ten Februar 1826 nach Villa de Castro...*). O mais naturalista, dentre os membros da expedição que teriam visitado o Paraná, foi o botânico LUDWIG RIEDEL (Berlim, Alemanha, 1790 - Rio de Janeiro, Brasil, 1861), exatamente no trecho entre Itararé e Castro, no ano de 1826 (Urban, 1908). Corrija-se, dessa forma, o afirmado por Angeli (1956) que sua estada ocorrera em 1830.

Nada é conhecido sobre espécimes ornitológicos obtidos nesse trecho. Ocorre, na realidade, que pouquíssimos foram os pesquisadores contemporâneos que puderam analisar o material da Expedição Langsdorff e de sua instável equipe, não só referentes aos espécimes zoológicos, como também dos diários, mapas e várias outras anotações, muitas delas inéditas (Bertels *et al.*, 1988).

Grande parte desse acervo, depositado no Museu de São Petersburgo (antiga Leningrado), ficou por muito tempo inacessível, particularmente após a Segunda Grande Guerra (Alimov *et al.*, 1999). Um dos poucos que tiveram oportunidade de estudar os exemplares de São Petersburgo, além do próprio Ménétrès e do insuperável Charles Hellmayr, foi o polonês Tadeusz Chrostowski (*vide*), ainda assim sob falsa identidade, quando desertou no exército czarista (Chrostowski, 1921; Wachowicz, 1994; Straube e Urben-Filho, 2001).

### **FRIEDRICH SELLOW (1828)**

Outra presença obscura, e ainda menos documentada regionalmente na literatura ornitológica paranaense, foi FRIEDRICH SELLOW que percorreu grande parte dos roteiros clássicos do nordeste e sudeste do Brasil (entre 1814 e o ano de seu falecimento, 1831). Sua expedição pode ser considerada incomparável, em alguns aspectos, dentre todas as outras realizadas por naturalistas contemporâneos.

SELLOW obteve apoio oriundo de diversas fontes e pessoas, dentre elas o próprio Barão von Langsdorff, o conde von Flemming e a coroa portuguesa no Brasil, por meio de D.João VI e depois D.Pedro I, com quem inclusive encontrou-se em Porto Alegre durante a guerra pela Província Cisplatina.

Em viagem, colaborou e dividiu as dificuldades das peregrinações com naturalistas famosos como o Príncipe de Wied-Neuwied, além de Georg Wilhelm Freireyss e Ignaz Franz von Olfers (Pacheco e Whitney, 2001). Em seu itinerário constam locais tradicionalmente visitados por coletores contemporâneos, como a cidade de Salvador e a vasta extensão litorânea dali até Santos, o interior de Minas Gerais (*e.g.* Ouro Preto, Barbacena) e de São Paulo (*e.g.* São Paulo, Jundiá, Piracicaba, Itu, Sorocaba e Itararé), o planalto central e leste do Paraná e de Santa Catarina (mas também o litoral sul desse estado) e quase todo o Estado do Rio Grande do Sul, bem como a margem esquerda do Rio da Prata.

O fato magnificamente distintivo de suas viagens diz respeito às visitas a regiões do extremo sul, incluindo-se aí a atual República do Uruguai. Após ter visitado pioneiramente essa vasta área meridional sul-americana, rumou ao Paraná onde chegou em março de 1828, dedicando-se a quase 10 meses de trabalho.

Por certo, o naturalista conhecia muito bem os itinerários de outros naturalistas viajantes da época, procurando explorar locais por eles não amostrados. Um dos indicativos dessa preparação nos é dado pelo seu encontro com SAINT-HILAIRE e NATTERER (*vide* acima), além de Olfers, na Fazenda Ipanema (hoje município de Iperó, São Paulo), uma das localidades mais estudadas no Brasil do século passado.

No Paraná, SELLOW descreveu caminho contrário ao de NATTERER e SAINT-HILAIRE: ele provinha do sul, ao contrário deles. Proveniente do local hoje denominado Mafra (Santa Catarina), atingiu a cidade limítrofe de Rio Negro e, pelo caminho dos tropeiros de gado denominado Caminho do Viamão, acabou por atingir os limites com São Paulo, na cidade hoje chamada de Sengés. Esse longo itinerário, confere-lhe a característica de ter sido o único naturalista a percorrer todo o trecho paranaense do Caminho do Viamão.

Outro aspecto inédito foi a visita a várias outras localidades, seguindo por outros caminhos também importantes na época, mas não explorados por outros naturalistas. Dentre elas destaca-se a região de Guarapuava, para onde dedicou três meses de estudos, especialmente sobre aspectos linguísticos dos índios da região. Sua presença nos Campos de Guarapuava, aliás, coincidiu com o fim do longo período de pacificação dos índios locais (Camé, Votorão, Dorim, todos da família linguística gê), por iniciativa de Diogo Pinto de Azevedo Portugal (Macedo, 1951).

Além desses topônimos citados, esteve ainda em Lapa, Contenda, Araucária, Curitiba, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul e Jaguariaíva, portanto, uma grande área oriental do Estado, já amplamente visitada por outros viajantes (Papávero, 1973).

Depois de todo esse percurso, além de rumar mais uma vez para o interior de São Paulo, SELLOW continuou sua expedição após enviar suas coleções por navio, em 1831, para o *Museum für Naturkunde der Humboldt-Universität* de Berlim (Papávero, 1973; Belton, 1984).

Quando de retorno ao interior de Minas Gerais, acabou morrendo afogado em condições trágicas, enquanto banhava-se na confluência do Rio Piracicaba com o Rio Doce (Papávero, 1973; Pinto, 1978). “Segundo informações colhidas por ocasião de uma viagem ao rio Doce, o afogamento de Sellow teria ocorrido, segundo uns, acidentalmente, ao banhar-se ele na corredeira conhecida pelo nome de Cachoeira Escura; segundo outros, porém, teria praticado o suicídio. Vários fatos parece darem força à última hipótese, inclusive os termos do testamento em que declarara as suas últimas vontades” (Pinto, 1979).

Do magnífico legado de SELLOW, pode-se afirmar ter sido composto por representações de vários campos do conhecimento, sejam elas geográficas, meteorológicas, astronômicas, antropológicas, zoológicas e principalmente botânicas. Dentre as aves, contou-se 5 457 espécimens, além de ninhos, ovos, esqueletos e várias peças anatômicas e parasitas preservados em álcool. Vários museus do mundo inteiro, além do Museu de Berlim, tiveram em seus acervos, parte do material acumulado pelo naturalista, dentre eles o Museu Nacional de Lisboa e o Museu Nacional do Rio de Janeiro, para o qual trabalhou por vários anos como naturalista-viajante (Papávero, 1973; Pinto, 1979).

O material obtido no Paraná, se é que ainda existe haja vista a destruição de grande parte do acervo de Berlim na Segunda Grande Guerra, aguarda estudos pormenorizados e dele inexiste mesmo uma lista de espécies com as respectivas localidades. Na verdade, boa parte do material zoológico obtido no Brasil, foi estudado precariamente por M.H.K.Lichtenstein que, além de substituir os rótulos originais por outros, acabou por acrescentar-lhes nomes novos, sem realizar a descrição protocolar básica para fins científicos, resultando em vários *nomina nuda*. Outra fração desse acervo foi vendida, permutada ou transformada em material expositivo, em muitos casos com perda dos dados originais (Pinto, 1979; Sick *et al.*, 1981; *vide* especialmente o magnífico e detalhado artigo de Pacheco e Whitney, 2001).

### **CAMILO LÉLIS DA SILVA (1848)**

Quase três décadas depois do ano de 1820, tido como marco das investigações científicas no Paraná (Maack, 1968), o cronista CAMILLO LELIS DA SILVA foi designado pela Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha do Império do Brasil, para participar dos trabalhos de abertura da estrada entre Guarapuava e o Rio Paraná, o qual se encontrava sob coordenação do Major Henrique de Beaurepaire Rohan (Moreira, 1975). Esse caminho, já anteriormente demarcado e de grande importância estratégica, teve sua

definição apenas após a pacificação dos temidos índios dos campos de Guarapuava (Macedo, 1951).

Como decorrência da exploração dessa vasta área ocidental do Paraná e do conhecimento das dificuldades regionais para transformá-la em caminho trivial de passagem rumo ao Rio Paraná (que consistia de ponto de conexão fluvial com o Mato Grosso, oeste de São Paulo, Paraguai e Argentina) é que iniciou-se o estabelecimento da colonização do oeste do Estado, determinada já em 1809 pelo Marquês de Pombal (Macedo, 1951; Ferreira, 1996).

Retornando da penosa expedição, LELIS DA SILVA publicou um pequeno diário de viagem na “Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil”, indicando as atividades realizadas dia a dia e, em anexo uma “Resenha da caça, peixe e abelheiras” (Lellis-da-Silva, 1865).

O trecho percorrido (cerca de 320 km), obedeceu um sentido leste-oeste, seguindo paralelamente ao curso do rio Iguaçu até os limites ocidentais do Estado do Paraná, na fronteira com a República do Paraguai (Straube e Miretzki, em prep.). A expedição partiu em 23 de maio de 1848, por uma direção basicamente retilínea, desde a “Villa de Belem de Guarapuava” (atualmente Guarapuava) até as margens do rio Paraná (“Rio Paranán”), nas proximidades de onde atualmente localiza-se a cidade de Foz do Iguaçu. Retornou ao ponto de origem em 12 de setembro do mesmo ano, gastando, portanto, 113 dias para completar todo o percurso.

Poucas são as menções aproveitáveis, quanto a avistagens ou capturas de aves, restringindo-se àquelas espécies de interesse cinegético. Entretanto, algumas menções mais importantes referem-se ao “macuco” (*Tinamus solitarius*), a “arara” (*Ara sp.*), ao “pavão” (*Pyroderus scutatus*) e à jacutinga (*Pipile jacutinga*), essa última, caçada em grandes quantidades para servir como alimentação dos integrantes da expedição. Outros registros de menor importância incluem um “inhambú” (*Crypturellus sp.*), “pato” (*Cairina moschata*), “jacu” (*Penelope obscura*) e “tucano-uçu” (*Ramphastos toco*).

Embora pouco úteis no tocante às espécies citadas, é de se mencionar a precisão com que foram obtidas as distâncias percorridas entre cada ponto de parada ou acampamento. Essa característica permite resgatar informações valiosas sobre abundância e pontos de ocorrência dos animais, alguns deles extremamente raros naquela região e, portanto, com relevante interesse conservacionista.

### **ANTONIO VIEIRA DOS SANTOS (1850)**

VIEIRA DOS SANTOS era um cronista e historiógrafo português, que se radicou no Brasil, antes no Rio de Janeiro, depois em Paranaguá em 1787 (Wachowicz, 1969). Em sua clássica obra “Memória Histórica da cidade de Paranaguá e seu município”, datada originalmente de 1850, inseriu um capítulo tratando “das aves e passaros voláteis que povoão a região aérea do município de Paranaguá” (Vieira dos Santos, 1951). Ali descreve e nomeia quase 90 espécies, utilizando-se de denominações em português, por vezes miscigenado com o tupi, mas por certo originário de consulta à população local do litoral paranaense.

Dentre táxons passíveis de reconhecimento (“guarapongas, brancas como a neve”: *Procnias nudicollis*; “colhereiros cor de roza”: *Platalea ajaja*; “coricoxos”: *Carpornis cucullatus*), generalistas (“tucanos”: *Ramphastos vitellinus* ou *R. dicolorus*; “martim-pescador”: gêneros *Ceryle* ou *Chloroceryle*) e inidentificáveis (“pichicha”; “verdilhões”), destaca-se sua descrição do guará (*Eudocimus ruber*) dos quais cita “exerçitos de formozissimos guarás de viva cor escarlata, [que] atravessão em ordem marçial dessas fermoças bahias; enramão-se nas verdes ramagens dos mangaes;

figurando ao longe grandes flores rózeas, outras desçem ás praias figurando batalhões de hum exercito britannico...”. Outro aspecto digno de nota, foi a percepção da grande riqueza de espécies de Trochilidae na planície litorânea: “beija-flor, ou colibris, há 12 qualidades das mais lindas cores, té doirados”.

Aspecto adicional é a sua menção a “pardaes”, questão a ser investigada, pois a datação clássica para o episódio da introdução de *Passer domesticus* no Brasil tem sido considerada como o início do século, no ano de 1906 (Sick, 1997). Muitos de seus escritos, contudo, parecem calcar-se mais em informações obtidas por terceiros, mesmo em publicações antigas, do que propriamente de observações próprias (*vide* Moreira, 1953).

### **THOMAS PLANTAGENET BIGG-WITHER (1872-1875)**

Outros dados interessantes à Ornitologia desse período, forneceu-nos o explorador inglês THOMAS PLANTAGENET BIGG-WITHER, que percorreu grande parte do Estado entre os anos de 1872 e 1875, relatando seu itinerário e várias aves por ele avistadas ou colecionadas (Bigg-Wither, 1878). Embora utilizando-se da descrição das espécies apenas com finalidade ilustrativa, causa surpresa a forma idônea como as menções são oferecidas e também as riquezas dos detalhes, fato extensivo também a outros grupos zoológicos.

A exemplo de vários outros cronistas desta época, são comuns as citações de espécies hoje consideradas raras ou ameaçadas, tal como a jacutinga (*Pipile jacutinga*), as quais consistem nas poucas informações sobre ocorrências neste Estado. É de se mencionar o critério com que o explorador descrevia as espécies abatidas, muitas vezes comparando-as com outras que fossem comuns na Europa e, assim, mais familiares para ele.

Uma revisão do itinerário, localidades visitadas e espécies zoológicas por ele citadas têm sido objeto de estudo (F.Straube *et al.*, em prep.). É provável que os exemplares colecionados pela expedição, estejam depositados no *Natural History Museum* (ex-*British Museum*) de Londres, pois espécimens foram efetivamente colecionados e conservados conforme admitido em inúmeros locais de sua obra (Bigg-Wither, 1878). Um indicativo disso, está fornecido no editorial do periódico *The Ibis* (Seção ‘*Letters, announcements, e c.*’, publicado em 1879, série 4, volume 3, página 113) que transcreve uma parte do livro épico de BIGG-WITHER, tratando dos hábitos do surucúá (*Trogon surrucura*). Essa revista tinha como editor o zoólogo Philip L.Sclater, que também trabalhava na coleção ornitológica do Museu de Tring, razão pela qual consideramos que tivesse havido o devido intercâmbio. Infelizmente, tornou-se extremamente difícil descobrir se algum material tivesse sido depositado naquele museu, entregue para identificação ou mesmo se tivesse de fato existido (R.Prys-Jones, 1999 *in litt.*; J.F.Pacheco, 1999 *in litt.*).

BIGG-WITHER, além das claras relações de parentesco com a família real britânica, tinha também afinidades com a *Royal Geographic Society*, na qual foi admitido alguns anos depois de seu retorno do Paraná, após uma conferência sobre o Vale do Rio Tibagi, em cuja explanação apregoava a potencialidade diamantífera da região (N.Carneiro *in* Bigg-Wither, 1974).

### **HERBERT HUNTINGDON SMITH (1881)**

J.Mawe, D.Kidder e L.Agassiz foram exemplos de uma nova percepção da natureza, estabelecida entre os anos de 1850 e 1860 nos Estados Unidos da América.

Recém-saídos de um mundo que adotava um tom moralizante para seus trabalhos, representavam uma nova tendência, agora preocupada com as fases da natureza que apresentavam uma face indiferente e até mesmo hostil ao homem. Associada à arte pictórica, que norteou a atividade da maior parte desses viajantes, atividades comerciais e militares passavam a concorrer com os objetivos puramente científicos das expedições (Mathorne, 1996).

O norte-americano HERBERT SMITH que, por certo enquadrar-se-ia nessa filosofia, fez três viagens ao Brasil, entre os anos de 1870 e 1886. Maior parte do material que coligiu era entomológico, mas também aves e mamíferos foram seu propósito secundário de trabalho. Isso é verificável em comentários sobre a sua primeira expedição, que realizou em companhia do famoso geólogo Orville Derby. Dela, sabe-se que o objetivo primevo, apesar de basicamente geológico, era obter “*a large quantity of specimens of all departments of nature*” (Hart, 1874 in Papávero, 1973).

Sua contribuição à Ornitologia brasileira concentrou-se na região da Chapada dos Guimarães, próxima a Cuiabá, onde deteve-se por cinco anos. A coleção daquele local foi estudada com detalhes por J.A.Allen (1891-1893), em cujos estudos constam descrições de novos táxons. Desconhecemos menções a espécimes de aves em outras publicações, além de que o seu material entomológico dispersou-se por vários museus, dentre eles o Museu Nacional do Rio de Janeiro (onde não há material desse coletor proveniente do Paraná), o *Natural History Museum* de Tring (Inglaterra), o *Carnegie Museum of Natural History* de Pittsburgh (EUA), o *American Museum of Natural History* de Nova York (Papávero, 1973) e, talvez, também o *Museum of Comparative Zoology* de Cambridge (EUA) (Paynter-Jr. e Traylor-Jr., 1991).

No Paraná, SMITH visitou Paranaguá no segundo semestre de 1881, proveniente de Santos e deslocando-se posteriormente para Florianópolis, Rio Grande, Montevidéu e por fim pelo Rio Paraná acima até o Paraguai, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Poucos meses antes, no Rio de Janeiro, SMITH teria recebido apoio do imperador D.Pedro II, sabidamente entusiasta e colaborador da História Natural no Brasil.

O Rio Grande do Sul foi o estado sul-brasileiro contemplado com maior número de visitas a localidades do interior e litoral (Papávero, 1973), mas até o momento nada se conhece sobre o conteúdo ornitológico sulino de suas coleções (Belton, 1984).

#### **JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY (1896)**

Análoga ao estilo de BIGG-WITHER, apareceu a obra “Viagem ao país dos jesuítas”, descrição de uma expedição realizada em 1896 pelo general JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY, que teve como objetivo a localização de tesouros e riquezas abandonadas na cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (atualmente município de Fênix, na confluência dos rios Corumbataí e Ivaí), quando de sua destruição pela bandeira de Raposo Tavares.

Embora ricas em detalhes, as crônicas de MURICY merecem tratamento especial, haja vista a suspeita clara quanto à fidedignidade dos registros, alguns deles referentes a espécies de presença duvidosa em território paranaense, particularmente no caso de mamíferos.

Não obstante, à figura de diversas crônicas clássicas, científicas ou não, daquela época, são abundantes as menções a espécies de importância no conhecimento ornitogeográfico paranaense. Incluem-se nesse sentido, a jacutinga (*Pipile jacutinga*), mencionada em vários locais da obra. Alguns detalhes adicionais, trazem informações sobre as aves na cultura do sul do Brasil, inclusive os hábitos do carancho (*Polyborus*

*plancus*) e o temor do caboclo ao canto plangente da urutágua (*Nyctibius griseus*), tida como ave de mau-agouro.

### **PERÍODO DE CHROSTOWSKI** **(início do Século XX à década de 30)**

O Século XX foi marcado por vários acontecimentos particulares relacionados com as expedições naturalísticas ao Paraná, igualmente favorecidos por episódios sociais, políticos e geográficos do Estado.

No início, as expedições passaram a ter duas linhas de objetivos: ou voltavam-se a acompanhar uma colonização imigratória tardia, caso particular do poloneses e ucranianos, ou mantendo a proposta de obter material científico para depósito em vários museus do mundo.

Junto à inegável participação dos colonizadores, também ocorreram períodos áureos das instituições zoológicas brasileiras (especialmente o antigo Museu Paulista e o Museu Nacional) as quais, antes mais voltadas à pesquisa das adjacências de seus territórios, agora passavam a explorar outros locais brasileiros menos conhecidos.

Isso marcou profundamente a história ornitológica paranaense, tendo reflexos até os dias de hoje. Espécimens depositados em museus do exterior e, portanto, de acessibilidade muito dificultada, não apenas pela impossibilidade de consultá-los mas porque se tornaram rapidamente peças protegidas institucionalmente pelo valor histórico, foram substituídos por exemplares agora mantidos no Brasil, com muito maior facilidade de consulta.

Na realidade, as expedições ornitológicas dedicadas ao Paraná, mantiveram o simples objetivo de obter espécimens para museus e assim, portanto, eram descompromissadas de qualquer interesse em outro campo investigativo. Entretanto, o aspecto mais marcante do chamado “Período de Chrostowski”, são as primeiras visitas de colecionadores brasileiros, mesclando-se com as presenças de estrangeiros, em geral representantes de países com menor poder econômico.

Assim, como contribuição pioneira de instituições brasileiras, pode-se tratar de quatro naturalistas-viajantes a serviço do Museu Paulista (quando ainda abrigava as coleções ornitológicas, dele desmembradas em 1939) que tiveram grande importância na Zoologia do Brasil contemporâneo: J.L.LIMA, W.EHRHARDT, E.GARBE e A.HEMPEL; do Museu Nacional veio E.SNETHLAGE, pioneira da Ornitologia brasileira e, como participação estrangeira, surgiu A.ROBERT, da Inglaterra.

#### **JOÃO LEONARDO LIMA E WILHELM EHRHARDT (1900 E 1901)**

JOÃO LEONARDO DE LIMA era coletor e preparador do Museu Paulista, tendo viajado por várias regiões, especialmente em São Paulo e algumas vezes também no Mato Grosso do Sul, Bahia e Rio Grande do Sul. Trabalhou, com evidentes pendências a Ornitologia (Lima, 1924), como preparador de espécimes, colaborando com vários coletores ou pesquisadores, dentre eles Olivério Pinto, Curt Schrottky e Glover Allen (Taunay, 1937; Pinto, 1945).

Nesse sentido, Lima participou de uma curta expedição à região conhecida como “Norte Pioneiro” paranaense, localidade de Jacarezinho (antiga Ourinho, quase homônima de limítrofe cidade paulista de Ourinhos), junto a WILHELM EHRHARDT.

Aves colecionadas nessa localidade datam de 1900 (março e abril) e 1901 (fevereiro a agosto) (Pinto, 1938, 1944).

Cabe lembrar que EHRHARDT é o célebre coletor que contribuiu às coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro (inclusive mamíferos) com material da antiga “Colônia Hansa-Humboldt” (hoje Corupá, Santa Catarina), local onde residia (Sick *et al.*, 1981). Além disso, LIMA, durante uma expedição aos arredores de Itapetininga, São Paulo parece ter aproveitado, em julho de 1927, para visitar a região norte do Paraná (Rio das Cinzas, margem direita do Rio Paranapanema), onde coletou uma *Pipile jacutinga* (Pinto, 1938).

É difícil determinar com precisão os locais visitados pelos naturalistas em questão, pois a região delimitada pelo antigo município paranaense de “Ourinho” era bastante vasta já no início do século. Entretanto, há ao menos uma indicação de localidade específica (Pinto, 1944): “Ribeirão do Bugre” (também chamado de Ribeirão Peroba, hoje divisa dos municípios de Bandeirantes e Santo Antônio da Platina) visitado em abril de 1901, e que deve se tratar de ao menos um dos topônimos por eles visitados, embora também considerado como localidade paulista (Pinto, 1938).

Dentre o material obtido por eles estão representantes da típica avifauna das florestas estacionais do norte e oeste do Estado e que muito têm em comum com aquela encontrada no interior de São Paulo e Minas Gerais. Destacam-se *Aratinga auricapilla*, *Baryphthengus ruficapillus*, *Galbula ruficauda*, *Malacoptila striata*, *Bailloniuss bailloni*, *Pteroglossus aracari*, *Selenidera maculirostris*, *Celeus flavescens*, *Campephilus robustus*, *Xenops minutus*, *Myrmotherula gularis*, *Scytalopus indigoticus*, *Phaeothlypis rivularis*, *Euphonia pectoralis*, *Pyroderus scutatus* e *Manacus manacus*. É necessária uma menção particular a *Nyctibius aethereus*, *Jacamaralcyon tridactyla* e *Dryocopus galeatus* (esse último coletado em Ribeirão do Bugre e Jacarezinho), espécies muito raras e cujas distribuições são pouco conhecidas no Brasil devido a escassas informações de ocorrências.

O filho de Lima, JOSÉ LEONARDO LIMA, que sabidamente seguiu o caminho naturalista do pai, também realizou coleta de espécimes, mas foram pouco conhecidos os seus resultados no Paraná. Destacam-se, por exemplo, a obtenção de *Eleothreptus anomalus* (exemplar no Museu de Zoologia, São Paulo, seg. Straube, 1990) e *Streptoprocne biscutata* (exemplar no *Field Museum of Natural History*, Chicago/EUA, seg. D. Willard *in litt*, 2001), ambos capturados na localidade de Umbará, perto de Curitiba, em maio de 1959.

### **ERNST GARBE (1901, 1907 E 1914)**

ERNST GARBE foi um dos coletores mais produtivos no Brasil em todos os tempos. Visitou por três vezes a cidade de Castro e dali, em incursões secundárias, chegou à conhecida Fazenda Monte Alegre (hoje Harmonia, município de Telêmaco Borba). Nenhuma dessas expedições parecem ter sido parte de um itinerário maior, sendo provavelmente dedicadas apenas ao Paraná. Duas delas foram consideráveis em tempo despendido: fevereiro a agosto de 1901, janeiro e setembro de 1907 e uma terceira ocupou dois meses: maio a junho de 1914 (Pinto, 1945).

Na primeira delas, GARBE ainda não era funcionário de fato do Museu Paulista visto que foi contratado apenas em 1902, por iniciativa do diretor Hermann von Ihering. No tempo em que ocorreu essa expedição, sobrevivia da remessa de animais para Karl Hagenbeck do Jardim Botânico de Hamburgo, e pela arrecadação obtida em um pequeno zoológico montado por ele próprio (Herr, 1931). A segunda viagem ao Paraná, que antecedeu uma ida à caatinga do nordeste (sul da Bahia) e precedeu viagem ao Rio

Doce, no Espírito Santo, foi também demorada, posto sua duração de 10 meses. A última visita ao Paraná, por sua vez, foi uma breve parada para seu rumo final, no Rio Uruguai desde suas nascentes até Quaraí, onde deteve-se basicamente com coleta e preparação de peixes (Taunay, 1926).

Para tratar de ERNST GARBE, ainda, não se pode omitir o valor a ele remetido por diversos pesquisadores que analisaram o seu volumoso material biológico. Taunay (1926) afirmou: “Era da estirpe desses famosos colecionadores, tipo de Natterer, Waterton e Swainson, que em nosso país angariaram cópias prodigiosas de material. Caçador prodigioso, não se contentava em preparar a caça abatida para fins de taxidermia; fazia o mais escrupuloso exame dos cadáveres sob o ponto de vista helminthológico e parasitário em geral, colligia ovos e ninhos, tomava notas biológicas, desenvolvia enfim, uma atividade absolutamente prodigiosa e multiforme”. Adicionamos, ainda, a virtude da paciência de coletar espécies que, conforme aprende-se na prática, são difíceis de encontrar e mesmo abater, pelos seus hábitos esquivos.

Dentre o material colecionado por GARBE no Paraná, deve-se destacar *Harpyhaliaetus coronatus*, *Dryocopus galeatus*, *Anthus nattereri* e *Piprites pileatus*, espécies muito raras em toda sua área de distribuição e com representação ínfima em acervos ornitológicos de todo o mundo. Adicionam-se a ele, outros táxons de interesse para a ornitogeografia regional, como *Ara maracana*, *Aratinga auricapilla*, *Amazona vinacea*, *Streptoprocne biscutata*, *Lophornis magnifica*, *Piculus aurulentus*, *Campyloramphus falcularius*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Leptasthenura setaria*, *Batara cinerea*, *Grallaria varia*, *Phibalura flavirostris*, *Piranga flava*, *Orchesticus abeillei* e *Saltator maxillosus* (Pinto, 1938 e 1944).

Com base em informações mais recentes sobre a composição avifaunística paranaense e a distribuição local das espécies (especialmente Scherer-Neto *et al.*, 1991 e 1996), há que se discutir um outro aspecto relacionado com as áreas visitadas por GARBE no Paraná. A presença de certas espécies características do bioma do cerrado (Silva, 1995a, 1995b, 1995c e 1997; Straube, 1998) ou que apresentam limite sul de distribuição no Paraná (*Thalurania furcata*, *Ramphocelus carbo*, *Schistochlamys ruficapillus* e *Tangara cayana*) sugerem que, em sua visita, o naturalista teria coletado espécimens quando em trânsito, muito provavelmente ao longo da estrada que liga a cidade de Castro a Telêmaco Borba (sede do município que abriga a Fazenda Monte Alegre, a qual, segundo Pinto 1938 e 1944, teria sido grafada nos rótulos de exemplares do Museu Paulista como “Faz. Monte Alegre (Castro)” ou “Castro, Fazenda Monte Alegre”).

Há, nesse percurso, uma pequena representação da vegetação típica do cerrado, atualmente incluída no Parque Estadual do Guartelá (Straube, 1998) e que poderia ser o topônimo preciso para algumas dessas amostras. É sabido que (ao menos até o início da década de 30), no caminho entre Ponta Grossa e Tibagi, predominavam paisagens de campo (nos quais assentavam-se, regionalmente, várias manchas de cerrado) com fragmentos ocasionais de florestas de araucária, chamadas regionalmente de capões (segundo anotações de EMIL KAEMPFER, citadas em Naumburg, 1935).

Foi com certeza nesse tipo de paisagem, que GARBE obteve espécies muito interessantes de campo limpo, como *Heteroxolmis dominicana* e *Anthus nattereri*, assim como aquelas próprias de campos inundáveis de várzea ou banhados (*Donacospiza albifrons*).

**ALPHONSE ROBERT (1901)**

No início deste século, ano de 1901 e certamente entre os meses de agosto a novembro (Thomas, 1902, 1903, 1912, 1917; Hellmayr, 1906, 1914, 1915), o Paraná recebeu a visita de uma enigmática expedição britânica, voltada à obtenção de material do sul do Brasil. Era ALPHONSE ROBERT, coletor famoso pelas suas relevantes contribuições à Mastozoologia da região da Suíça e de Madagáscar e financiado pelo Barão de Rotschild e por Sir William Ingram.

Aparentemente, ROBERT estaria interessado em mamíferos, embora pouco se sabe acerca de sua contribuição, visto que desconhece-se estudos específicos sobre o material, exceto talvez, alguns táxons de roedores e cervídeos tidos como novos e descritos por Oldfield Thomas (1902, 1903, 1909, 1917 e 1912).

O local selecionado para as coletas foi Roça Nova (município de Piraquara), naquela época uma estação de parada da ferrovia Curitiba-Paranaguá, concluída em 1885 (RFFSA, 1985). A localidade situa-se em uma transição vegetacional entre as florestas ombrófilas densa (mata atlântica *sensu stricto*) e mista (mata de araucária) a pouco menos de 1 000 metros de altitude, circundada por pequenos remanescentes de campos do planalto e banhados permanentes em uma várzea nascentes do Rio Iguaçu, leste de Curitiba. Atualmente, bem à beira da ferrovia, funciona uma pedreira que fornece rochas para reparos na sustentação dos trilhos e dormentes (F. Straube obs. pess, 1999).

Dali ROBERT obteve uma série com cerca de 1 000 exemplares de aves (R. Prys-Jones, 1999 in litt.), algumas delas citadas esparsamente em publicações posteriores (e.g. Hellmayr, 1914; Zimmer, 1931 e subsequentes). Infelizmente desconhecemos a existência de catálogos mais detalhados que tragam à luz outras informações do material ornitológico coligido e por certo material desse tipo não foi mesmo publicado. Espécimes encontram-se depositados no *Natural History Museum* em Tring (Inglaterra) e, uma parte que fôra vendida pelo próprio Walter Rotschild no início da década de 30, está no *American Museum of Natural History* de Nova York (EUA) (R. Prys-Jones, 1999 in litt.).

Da volumosa obra de John T. Zimmer (*vide* A. HEMPEL e E. KAEMPFER), relacionamos algumas espécies, cuja procedência de “Roça Nova” (em uma situação grafada erroneamente como “Boca Nova”) aponta para ROBERT como coletor: *Trogon rufus*, *Pachyramphus castaneus*, *Pyroderus scutatus*, *Myiodynastes maculatus*, *Lathrotriccus eulerei*, *Platyrynchus mystaceus* e *Xanthomyias virescens* (Zimmer, 1936c, 1937, 1939a, 1939b, 1948 e 1955), além de *Penelope obscura* (citado por Hellmayr, 1914). Também é enigmático o fato de ROBERT ter realizado uma expedição de grande porte ao Brasil, aspecto que fica ainda mais evidente com sua visita, meses antes de chegar ao Paraná (maio e junho de 1901), à localidade clássica de Ribeirão Jordão, na região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, posteriormente visitada por outros coletores de aves (Thomas, 1901; Hellmayr e Berlepsch, 1905; Traylor-Jr. e Paynter-Jr., 1991).

Um material volumoso como esse, sugere que o objetivo de ROBERT não era apenas mastozoológico como acreditamos por muito tempo (Scherer-Neto e Straube, 1995), antes de tomar conhecimento da grande série depositada em Londres. É sabido, ainda, que ROBERT também esteve em Morretes, porção litorânea paranaense (Hellmayr, 1908; Thomas, 1917), mas desconhecemos, além de citações esparsas, quaisquer indicativos sobre catálogos ou listas mais detalhadas de aves ali coligidas (v. Paynter-Jr. e Traylor-Jr., 1991).

**ADOLFO HEMPEL (1903)**

ADOLPH HEMPEL desempenhava a função de entomólogo do então chamado Museu Paulista (Nomura, 1997), mas era também entusiasta da Ornitologia, realizando coletas de aves principalmente no Estado de São Paulo (Pinto, 1945; Hempel, 1949). Tão logo afastou-se daquela instituição (1900), passou a se dedicar ao estudo da entomologia agrícola, tendo publicado mais de 50 artigos científicos. Ao mesmo tempo, realizava comércio de exemplares de aves com museus de vários países do mundo, procedimento comum naquela época (Pinto 1946; Nomura, 1997).

Entre janeiro e dezembro de 1903 esteve, talvez domiciliado provisoriamente, na chamada "Fazenda Cayoa", cuja localização precisa envolve-se de uma considerável discussão, uma vez ter sido ora admitida como pertencente ao Estado de São Paulo (Zimmer 1936a, 1936b, Pinto 1938, 1944, 1946, Paynter e Traylor 1991), ora ao do Paraná (Vanzolini 1992). Recentemente, Straube *et al.* (em prep.) encontram-se empenhados nessa tarefa, que já revelou ser correta a segunda afirmativa.

Nessa localidade, situada no chamado "Norte Pioneiro" do Paraná, próxima de Jacarezinho, HEMPEL obteve uma série importante de exemplares, com certeza mais que 340 números de pelo menos 130 espécies. Muitas de suas informações de campo, bem como seus rótulos originais, foram perdidas, motivo pelo qual se instalou tanta polêmica sobre o ponto exato onde teria realizado seu trabalho de coleção. Grafias incorretas, decorrentes de publicações que se utilizaram deste material pioraram o problema.

Um estudo detalhado sobre a localização precisa do topônimo, bem como de todos os exemplares, dos quais foi possível resgatar informações mínimas está sendo preparado por F. Straube, E. Willis e Y. Oniki, razão pela qual detalhes mais pormenorizados são omitidos no presente estudo. De antemão pode-se afirmar que os espécimes encontram-se dispersos por vários acervos do mundo, dentre eles o *New Zealand National Museum* (Wellington, Nova Zelândia), *American Museum of Natural History* (Nova York, EUA), *Carnegie Museum* (Pittsburgh, EUA), *Peabody Museum of Natural History* (Cambridge, EUA), *Field Museum of Natural History* (Chicago, EUA), *Museum of Comparative Zoology* (Cambridge, EUA) e no próprio Museu de Zoologia (São Paulo). Uma parte desse material foi citado em revisões, tais como Pinto (1938, 1944), Zimmer (1936a, 1936b) e Haffer (1974).

## **MUSEU PARANAENSE: FASE PRECURSORA**

O Museu Paranaense, instituição fundada em 1874, é considerado um dos acervos museológicos mais antigos do País<sup>3</sup>. Originalmente, tal como determinado por seus fundadores - Agostinho Ermelino de Leão e JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY (*vide*)- tinha como objetivos o estudo, conservação e exposição de objetos relacionados à arqueologia, etnologia e história natural (Fernandes e Nunes, 1956; Trevisan, 1976).

Para fins ornitológicos, as atividades realizadas por esse centro de pesquisa podem ser divididas em três períodos bem definidos: 1. fase precursora, desde sua

---

<sup>3</sup> No início de 1995, um grupo de entusiastas, entre funcionários e pesquisadores voluntários do Museu de História Natural Capão da Imbuia, sob a coordenação de Adelinyr de A.M. Cordeiro e Ruth Misiuta, tomou a si a incumbência de realizar um amplo e abrangente estudo histórico das coleções biológicas paranaenses desde o tempo do Museu Paranaense. Essa iniciativa, entretanto, acabou sucumbindo frente ao desinteresse e inúmeras dificuldades impostas por um novo corpo diretivo que se estabelecera na instituição e nos níveis hierárquicos superiores, naquele mesmo ano. Tanto como inúmeras outras vezes que nos deparamos com a escassez de informações documentais sobre a história da Biologia no Paraná, sentimos profundamente por essa lacuna no presente estudo, para o qual teríamos disponíveis inúmeros outros aspectos para serem investigados e que, mais uma vez, foi abortada pela falta de sensibilidade e compreensão da importância de uma pesquisa como essa (FCS).

fundação até a década de 20; 2. fase naturalística, do fim da década de 30 até o início da década de 60; 3. fase atual, a partir da década de 80, interessando-nos neste estudo apenas as duas primeiras. As lacunas cronológicas entre essas fases, nada mais foram do que períodos de estagnação, quando o acervo era, quando muito, conservado precariamente. Por duas vezes, tais períodos críticos acabaram por ser substituídos por iniciativas de reorganizações, instituídas pelo poder público.

Nesse sentido, pode-se citar o Plano de Reorganização de 1939 que deu início à fase naturalística e, posteriormente, a absorção do acervo, em regime de comodato, pela Prefeitura Municipal de Curitiba, a partir de 1980 (Fernandes e Nunes, 1956; Cordeiro e Corrêa, 1985).

A fase precursora apresenta-se absolutamente obscura no que diz respeito a documentação e registros de espécimes. Até o ano de 1906, "...a maioria das coleções correspondiam a material doado e, portanto, nem sempre preparados ou conservados de maneira conveniente. O Museu apresentava-se então pouco organizado cientificamente, estando a maioria das coleções zoológicas dispersas e misturadas com as de Etnologia, Arqueologia e Mineralogia" (Leão, 1900 *per* Cordeiro e Corrêa, 1985).

Foi por intermédio de Romário Martins, então diretor da instituição, que procedeu-se o primeiro passo para um inventário criterioso e organização do acervo ornitológico. Segundo o próprio Martins (1906) existiam, na coleção, 151 exemplares de 97 espécies de aves. Todos os espécimes encontravam-se expostos em mostruários, não havendo, portanto, coleções seriadas. Não havia técnico especializado em preparações, de forma que todos os espécimes teriam sido taxidermizados em outros locais e, sem exceção, faltavam-lhes a procedência.

As peles de aves parecem ter sido especialmente interessantes para a política administrativa do Museu. Tal coleção, para o início do século, deve ser considerada representativa em comparação com instituições congêneres, especialmente pelo caráter regional a ela conferido. O indicativo incontestável de que a coleção ornitológica funcionava como um "carro-chefe" das seções de Zoologia do Museu é explícito nas pretensões de seus administradores de publicar "um trabalho intitulado *Ornis Paranaense*, baseado nas colleções do Museu" (Martins, 1906). Essa obra, entretanto, não veio a se concretizar, mas por certo tratou-se de uma das primeiras iniciativas para divulgação da riqueza ornitológica neste Estado.

Há, no relatório de Martins (1906), citações de espécies bastante interessantes para a Ornitologia estadual, salientando-se *Eudocimus ruber*, *Crax fasciolata*, *Dryocopus galeatus*, *Cistothorus platensis* e *Psarocolius decumanus*. Não há, contudo, meios para avaliar a origem desses espécimes e muito menos a validade das identificações a eles atribuídas. Na realidade, é provável que tenham mesmo sido obtidas no Paraná, já que na quase totalidade (ou todas, levando-se em conta possíveis e esperados erros de identificação) são comprovadamente ocorrentes nesse Estado.

Esse material pode ser considerado completamente extraviado, visto que os primeiros espécimes depositados no Museu de História Natural Capão da Imbuia datam de 1936. Exemplares mais antigos foram incluídos ao acervo várias décadas depois, destacando-se seis peles obtidas pelo naturalista Günther Tessmann no Peru (rio Pachitea e Napo, 1923). Segundo J.S.Moure (1988, com.pess.), quando da reorganização do Museu Paranaense, vários - senão todos - espécimes foram incinerados por apresentarem-se em condições precárias de conservação, inclusive infestação por dermestídeos. O mais provável, dessa forma, é que tal acervo esteja mesmo desaparecido por completo.

## **TADEUSZ CHROSTOWSKI, 1º VIAGEM (1910)**

A primeira década deste século, particularmente o ano de 1910, pode ser considerada como o período mais importante dentre toda a contribuição de naturalistas estrangeiros ao Paraná. Tratou-se da época em que se concentraram os esforços oriundos de oito expedições científicas organizadas por poloneses ao Paraná, todas entre a última década do século passado e o ano de 1934 (Wachowicz 1994). Três delas ficaram ao encargo do naturalista-ornitólogo TADEUSZ CHROSTOWSKI, as quais incluem-se entre as contribuições mais importantes à Ornitologia do sul do Brasil até a década de 20.

Curitiba, nas primeiras décadas deste século, já representante política do Estado do Paraná, apresentava inúmeras dificuldades para iniciativas científicas, vivendo basicamente do reflexo intelectual das grandes metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo (Fernandes e Nunes 1956). Assim, o valioso legado dessas três expedições representa muito mais que a obtenção de informações regionais sobre aves silvestres paranaenses, pois permitiu a formação de um banco de dados inatingível pelo esforço oficial local.

Apesar dessa importância, os resultados ornitológicos (e também de outros campos, como a Entomologia e Malacologia) das expedições polonesas, não receberam o devido mérito em obras sobre História da Zoologia (Straube 1993; Nomura 1995), muito embora se tratassem de contribuições obtidas em uma região geograficamente intermediária entre estados relativamente bem estudados como São Paulo (*e.g.* Ihering 1898, 1902), Santa Catarina e Rio Grande do Sul (*e.g.* Berlepsch 1873, 1874, Berlepsch e Ihering 1885, Ihering 1899a, 1899b).

Isso se deu certamente pela pequena tradição da coleção na qual os espécimes foram depositados (na época, Museu Polonês de História Natural de Varsóvia, denominação mantida até 1952), associada à dificuldade de acesso ao material, em decorrência de rivalidades políticas entre nações e também pela pequena distribuição dos periódicos científicos nos quais partes dos resultados foram divulgados. Esse panorama, aliás, estende-se até a atualidade, sendo muito raras as menções a pesquisadores poloneses de renome como Jelski, Przewalski, Branicki, Taczanowski, Sztolcman (ou Stolzmann), Warszawiecz, Kalinowski e Szyslo em obras históricas clássicas contemporâneas.

Não há como deixar de mencionar, ainda, a contribuição de vários outros poloneses contemporâneos de CHROSTOWSKI que, embora estabelecidos no Paraná e regiões limítrofes, mantinham intenso contacto com os museus da Polônia e também de outros países remetendo espécimens de aves e vários outros grupos zoológicos. É o caso de Józef Siemiradzki e seus exemplares obtidos em São Mateus do Sul e na Colônia Afonso Pena, Robert Wierzejski em Itaiópolis (Santa Catarina), Józef Czaki em Araucária, A.Brückner em Joinville (Santa Catarina), W.Rodziewski, W.Szukiewski e Szymon Tenenbaum em Curitiba, além de B.Srzednicki na região de Cândido de Abreu (Rio Ubazine, Colônia Tereza Cristina e Rio Baile) (Sztolcman 1926a, 1926b, Kremky 1925, Roszkowski, 1927, Tenenbaum, 1927). Esse intercâmbio é notável e bastante sentido no reconhecimento a ele conferido com menções em obras de história da Zoologia polonesa (Brzek 1959) e mesmo epônimos de formas tidas como novas (Sztolcman 1926a, 1926b).

É interessante notar que CHROSTOWSKI e seus companheiros forçaram as estadas em propriedades rurais de poloneses, abundantes naquela época, com destaque para o sul do Estado. É por esse motivo, naturalmente, que essa região contém tantos topônimos de coleta, ao contrário dos demais, ao longo dos rios Ivaí e Paraná; nesses, a

expedição parecia, por falta de opção de hospedagem, se fixar por mais tempo em acampamentos ou colônias bem estabelecidos.

A primeira viagem ao Paraná (maio de 1910), não tratou-se de uma expedição no sentido formal. CHROSTOWSKI, ao chegar no Paraná, instalou-se como imigrante na colônia de Vera Guarani e, a partir dali, empreendeu excursões de coleta e observação ornitológica, contemporizando-as com suas atividades como agricultor. Segundo Wachowicz (1994): “no lote de terreno recebido do governo brasileiro construiu um rancho de tábuas lascadas de pinheiro, fez um cercado, plantou roça e construiu um apiário. Aos domingos e nas horas possíveis, fazia penetrações no sertão do médio [Rio] Iguaçu e trazia espécimes da fauna paranaense. Dos pássaros e outros animais, retirava a película e os empalhava. Especial atenção dedicava à sua especialidade: a ornitologia”.

Desde então, até meados de dezembro daquele mesmo ano, explorou os arredores da colônia, deslocando-se até as localidades de Rio Paciência e Chapéu de Sol (Chrostowski, 1911). A intercalação entre datas de coleta de exemplares coletados nesses topônimos e dos obtidos em Vera Guarani, indica claramente que o naturalista empreendia excursões para as adjacências da área onde morava. É muito provável que procurasse por locais distintos, com a finalidade de encontrar espécies de aves diferentes das que dispunha em Vera Guarani.

Nessa colônia existiam tanto florestas primárias ou pouco alteradas, conforme indicado pela presença de várias espécies de aves (*e.g.* *Saltator maxillosus*, *Campephilus robustus*, *Chiroxiphia caudata*, *Turdus albicollis*, *Xenops rutilans*, *Chamaeza campanisona*, *Heliobletus contaminatus* e *Batara cinerea*), como campos e áreas degradadas do tipo capoeiras, pomares e jardins (como atestam os espécimes de *Colaptes campestris*, *Zonotrichia capensis*, *Gnorimopsar chopi*, *Sicalis flaveola* e *Xolmis cinerea*). O panorama completava-se com alguns habitats aquáticos, talvez de beira-rio (presença de *Phalacrocorax brasilianus*, *Mesembrinibis cayennensis* e *Hoploxypterus cayanus*). CHROSTOWSKI, ainda, tinha discernimento dos exemplares que já figuravam em sua coleção, sendo pouco comuns os casos de repetição.

Além das já citadas incursões nos arredores de Vera Guarani, organizou também uma viagem mais longa, dessa vez ao longo do Rio Ivaí. O ponto final desse percurso não é bem aceitável pelas informações apresentadas por ele próprio (Chrostowski, 1911): um ponto distante 350 km a nor-noroeste de Vera Guarani. A dúvida criada, deve-se à improbabilidade de ter percorrido um trecho tão extenso em tempo demasiado exíguo para as dificuldades de uma incursão desse tipo (Straube e Urben-Filho, 2001). Retornou a Vera Guarani em fins de janeiro de 1911, onde permaneceu em atividade até outubro, mês de seu retorno à Polônia.

Suas atividades ornitológicas, representadas por coletas, não foram muito significativas se confrontadas com o período em que residiu no Paraná ou mesmo se comparadas com outros naturalistas contemporâneos. Nessa sua primeira expedição, que durou um ano e três meses, CHROSTOWSKI coletou apenas nem três centenas de exemplares de 100 espécies e, em nenhuma data, obteve mais do que seis espécimes por dia, inclusive em regiões para as quais teria empreendido expedições especiais.

Embora pequeno, o acervo recolhido inclui espécies até hoje consideradas interessantes ao conhecimento ornitológico paranaense, como *Hoploxypterus cayanus*, *Gallinago undulata*, *Accipiter superciliosus*, *Ara maracana*, *Piranga flava* e *Saltator maxillosus* (Chrostowski, 1912).

Outro aspecto importante sobre a carreira de CHROSTOWSKI, é que o naturalista fôra o precursor de uma nova conscientização por parte dos pesquisadores em Ornitologia. A partir das primeiras décadas deste século, passou-se a rejeitar os métodos tradicionais puramente descritivos de muitos pesquisadores europeus; a nova

mentalidade exigia uma observação detalhada da bionomia e das relações das espécies com seu ambiente (M.Paradoska *in* Wachowicz, 1994). Isso é facilmente percebido em diversas de suas publicações (Chrostowski, 1911, 1921), bem como nas anotações de campo publicadas no catálogo de Jan Sztolcman (1926). Ali são comuns observações sobre os hábitos, ambientes em que ocorriam os indivíduos abatidos e, particularmente, comparações entre espécies aparentadas ou assemelhadas morfológicamente.

Aparentemente, o que pode ser explicado pela excursão ao Rio Ivaí, CHROSTOWSKI estaria fazendo viagens de reconhecimento ao redor (e também bastante distantes) de Vera Guarani. Isso, seria a forma de concretizar seu projeto para uma grande expedição ao Paraná, percorrendo toda sua extensão, de leste a oeste, tal como concretizou dez anos depois.

### **TADEUSZ CHROSTOWSKI, 2º VIAGEM (1913-1914)**

A confirmação do que fôra apresentado anteriormente, é a espera do naturalista polonês pelo seu retorno ao Paraná, tão logo chegou à Polônia. Naquele país, encontrou um emprego qualquer, sem correlação com a Ornitologia, trabalhando eventualmente como voluntário no tradicional Museu Branicki, instituição criada pelos irmãos Constantin e Alexandre Branicki e depois absorvida pelo Museu de Varsóvia, em 1919 (Sztolcman, 1921).

Segundo Wachowicz (1994), seu desejo de voltar ao sul do Brasil dependia da sensibilização de alguma instituição que financiasse seu projeto científico. Ao mesmo tempo, “era-lhe muito difícil aceitar o fato de a família Branicki não seguir mais os ideais dos antepassados. Relegaram o Museu [de História] Natural da família a segundo plano e gastavam seu dinheiro em festas, com ares de aristocratas em Paris” (Wachowicz, 1994).

Por fim, foi do *Zoologischen Staatssammlung München* (Museu de Zoologia de Munique, Alemanha), por intermédio do afamado ornitólogo Charles E. Hellmayr que veio o apoio financeiro para a nova incursão. A proposta de trabalho visava o redescobrimto de certas espécies típicas do planalto meridional brasileiro e apenas conhecidas por exemplares únicos ou em duplicata (por exemplo *Picumnus nebulosus*, *Leptasthenura setaria* e *L.striolata*), obtidos por naturalistas antigos, como Auguste de Saint-Hilaire, Johann Natterer e Hermann von Ihering. Tais espécies, típicas das florestas frias do planalto meridional brasileiro, eram ainda pouco representadas em coleções, sendo que outros esforços no sentido de reencontrá-las chegaram a ser movidos por vários outros naturalistas, dentre eles o famoso Ernst Garbe, naturalista-viajante do Museu Paulista (Pinto, 1945). Dessa forma, a segunda expedição de Chrostowski, iniciada em meados de 1913, parece ter sido calcada nesse mesmo objetivo.

Hellmayr costumava publicar sobre material coletado por naturalistas no Brasil e depositados em vários museus do mundo. Entre 1903 e 1910 foram várias as coleções estudadas, dentre elas as de Alphonse Robert e Ferdinand Schwanda.

O percurso de Chrostowski englobou uma pequena região do centro-leste paranaense e teve a curtíssima duração de pouco mais de um ano. Fôra, na verdade, interrompida pela Primeira Grande Guerra, a qual, não apenas forçava a presença de Chrostowski na Europa como, principalmente, impossibilitou toda e qualquer comunicação com Hellmayr.

Essa expedição, iniciada em meados de 1913, englobou uma pequena região do centro-leste paranaense e teve a curtíssima duração de pouco mais de um ano. Fôra interrompida em decorrência da Primeira Grande Guerra e, por ocorrência dela,

cessaram as comunicações entre Hellmayr e CHROSTOWSKI. Na tentativa de retornar à Polônia, acabou incluído ao exército czarista, no qual permaneceu até 1917, quando dele desertou, refugiando-se em São Petersburgo (Wachowicz, 1994). Naquela cidade, mesmo perseguido pelos bolchevistas e sendo forçado a usar falsa identidade, estudou o material colhido pela expedição Langsdorff (Wachowicz, 1994).

O itinerário desta sua segunda expedição ao Paraná não é linear, sendo mais coerente admitir que o viajante estabeleceu-se (após um pequeno período na Colônia Afonso Pena, hoje em São José dos Pinhais) inicialmente em Antônio Olinto, tendo a partir dali empreendido várias incursões para os arredores, tal como sucedeu-se na primeira de suas expedições. Nessa localidade, onde viveu por vários meses, teria organizado dez excursões com 12 quilômetros cada uma (Wachowicz, 1994), dentre elas a cidade de Rio Negro e a confluência do Rio Negro com o Rio Iguazu (hoje São Mateus do Sul).

Não é possível, sem uma análise detalhada dos espécimes e respectivas datas de coleta, uma reconstrução de sua jornada ao Paraná. Apesar desse problema, três localidades são integralmente referendadas pelo próprio CHROSTOWSKI no breve *gazetteer* de um artigo subsequente (Chrostowski, 1921): “Affonso Penna”, “São Lourenço” e “Antonio Olyntho”; uma quarta, que nele faltou (“Terra Vermelha”), aparece melhor localizada como localidade-tipo de *Nonnula hellmayri*, espécie tida como nova. Não consta, ainda, a localidade de Curitiba, a qual teria também sido visitada (Jaczewski, 1924; Sztolcman, 1926).

É interessante notar, que essa região em que CHROSTOWSKI trabalhou, coincidiu geográfica e cronologicamente com o período mais sangrento da “Revolta do Contestado”, uma das maiores guerras civis já presenciadas no Brasil. Essa insurreição, surgida de uma série de disputas territoriais, teve origem relacionada com a colonização estrangeira do sul do Brasil e com um panorama social precário, repetição sulina do coronelismo e da reação ao apoio governamental à instalação de multinacionais, especialmente inglesas (Santa Catarina, 1987). Algumas localidades de coleta visitadas por CHROSTOWSKI, eram efetivamente pontos-chave de resistência dos revoltosos, dentre as quais “Rio Paciência” e “Poço Preto” (o enigmático e mal-localizado topônimo visitado por EMIL KAEMPFER, *vide*), ambas atualmente em Santa Catarina (Carvalho, 1914).

Do material obtido por Chrostowski na segunda viagem, pouco pôde ser apurado que não a abstração de seu destino. Uma parte encontra-se de fato no Museu de Varsóvia, mas é possível que hajam espécimes em Munique. É certo, entretanto, que não há um espécime sequer coletado por Chrostowski no *Field Museum of Natural History* de Chicago (D. Willard, 2001 com.pess.), instituição que absorveu Charles Hellmayr em setembro de 1922 (Zimmer, 1944). Tal como documentado por T. Jaczewski (1924), o apoio oferecido por Hellmayr previa, em troca, a cessão de duplicatas, deixando claro, portanto, que a maioria dos espécimes tivessem sido destinados mesmo para Varsóvia.

Sobre as espécies obtidas, pode-se admitir que alguns táxons colecionados (*e.g.* *Leptasthenura setaria*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Saltator maxillosus* e *Picumnus nebulosus*), e estudados com minúcias por Chrostowski (1921), podem permanecer até os dias de hoje escassos em coleções zoológicas de todo o mundo, amplificando o valor dessa contribuição da segunda expedição ao Paraná.

### **TADEUSZ CHROSTOWSKI, 3º VIAGEM (1921-1924)**

São vários os motivos, além do grande interesse pela avifauna sul-brasileira, que estimularam CHROSTOWSKI a realizar a sua terceira expedição ao Paraná, certamente a maior e mais longa viagem ornitológica já realizada ao Estado em todos os tempos.

Embora isolado do mundo científico pelas condições políticas de uma Polônia espoliada e partilhada pela Rússia, Prússia e Áustria, CHROSTOWSKI mantinha contato estreito com pesquisadores de renome na Ornitologia contemporânea, destacando-se Hermann von Ihering e Emilie Snethlage, bem como Ernst Hartert do Museu Britânico e, principalmente, Charles E. Hellmayr. Além disso, seu conhecimento prévio da fauna e flora paranaense aguçava-lhe a expectativa de uma grande viagem ao Paraná, mesmo enquanto, pelos idos de 1918, estudava minuciosamente o material-tipo neotropical (estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e República do Chile) da Expedição Langsdorff, depositado no Museu Zoológico da Academia Russa de Ciências, em São Petersburgo (Chrostowski, 1921b).

A situação financeira da Polônia, tal como vários outros países centro-europeus, encontrava-se muito deteriorada. Sua soberania nacional encontrava-se seriamente contestada por países mais ricos, como a Alemanha, que a considerava um país artificial, produto de uma *Entente Kleinstaat* (entendimento de Estados) (Lepecki, 1962). Desse tipo de mentalidade preconceituosa, inclusive, surgiram críticas à expedição, sobre as quais chegou-se a fantasiar interesses secretos da Polônia, uma vez que, “de pesquisa biológica o Brasil não precisava mais, pois já estava suficientemente estudado por cientistas alemães e de outras nacionalidades” (Lepecki, 1962 traduzida por Wachowicz, 1994).

Com a restauração do Estado polonês, em 1919, a reformulação do Museu de Varsóvia por força de decretos federais foi decisiva, com o estabelecimento do Departamento de Zoologia junto ao Museu Nacional de História Natural. Assim, maior parte das coleções do Gabinete de Zoologia da Universidade de Varsóvia, bem como a biblioteca do famoso Museu Branicki passaram a integrar o acervo, basicamente por iniciativa de Janusz W. Domaniewski, Benedykt T. Dybowski e Michal Marian Siedlecki (Sztolcman, 1921; Kazubski, 1996).

A partir de 1919 (e até 1939), o museu polonês organizou numerosas expedições científicas para localidades bastante distantes como o México, Egito, Madagascar e, ainda como parte de cruzeiros marítimos ao longo do Oceano Atlântico (Kazubski, 1996).

Foi após cansativas preparações ocorridas durante o ano de 1921, que Chrostowski conseguiu organizar a viagem que teria sido, por muito tempo, seu principal objetivo de trabalho. Ele já era, naquele tempo, o responsável pela seção de aves neotropicais do Museu. Essa posição, associada à persistência de seus executores e à interferência de um patriotismo fervoroso, serviu decisivamente para viabilizar aquela que seria a primeira missão científica a regiões tropicais desde a independência da Polônia.

Os fundos para tanto, custeados em parte pelo governo polonês, foram completados pelo próprio Chrostowski e por iniciativa de colegas do Museu Polonês, interessados no sucesso da empreitada. Não à toa, incluiu-se ao objetivo geral da viagem, a obtenção de amostras de vários outros organismos, como insetos, moluscos, miriápodos e endoparasitas (Jaczewski, 1925): os pesquisadores poloneses mostravam nítido interesse em ter acesso a material do sul do Brasil para seus estudos.

Não obstante diversas dificuldades, iniciou-se enfim, a terceira expedição de CHROSTOWSKI, contando com a colaboração de seus dois auxiliares, Stanilaw Borecki e Tadeusz Jaczewski, partindo de Varsóvia em 4 de dezembro de 1921. Chegaram no

Brasil em Salvador (“Bahia”), seguindo para o “Rio de Janeiro” de onde, após as necessárias preparações, tomaram o trem até “Marechal Mallet” (hoje Mallet) uma cidade do sudeste do Paraná.

Esse pequeno núcleo municipal, importante centro da colonização polonesa no sul do Brasil seria, a partir de 2 de fevereiro do ano seguinte, localidade de coleta de vários espécimes que marcaram o início da expedição. Fôra também o ponto inicial de uma impressionante jornada pelo interior paranaense, estendida por três anos ininterruptos, durante os quais foram visitadas quase meia centena de localidades visitadas.

A viagem, que somou quase 1 500 quilômetros de percurso fluvial e terrestre, gerou um acervo com quase 260 espécies e subespécies de aves, tem sido considerada a mais importante atividade de coleta de aves no Paraná deste século, granjeando a CHROSTOWSKI o merecido título de patrono da Ornitologia paranaense (Straube, 1993d). Dentre o material obtido, que constitui uma cifra impressionante não apenas pela qualidade como pela representatividade, pode-se destacar algumas espécies, reconhecidamente interessantes à Ornitologia do Paraná e de todo o Brasil. Enquadra-se, por exemplo, a jacutinga (*Pipile jacutinga*) que já naquela época começava a escassear, inclusive em regiões onde fôra especialmente abundante como o vale do Rio Ivaí.

Igualmente importantes são as menções a *Geotrygon violacea*, *Accipiter superciliosus*, *Jacamaralcyon tridactyla*, *Leptasthenura striolata*, *Ramphotrigon megacephala*, *Tyranniscus burmeisteri*, *Onychorhynchus swainsoni*, *Phibalura flavirostris*, *Anthus nattereri*, *Psarocolius decumanus* e *Scaphidura oryzivora* que consistem nas únicas (ou dentre poucas) indicações de ocorrência em todo o Estado (Scherer-Neto e Straube, 1995) e *Tigrisoma fasciatum*, *Mergus octosetaceus*, *Spizaetus ornatus*, *Amazona vinacea*, *Picumnus nebulosus*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Phylloscartes paulista*, *Piprites pileatus*, *Polioptila lactea* e *Saltator maxillosus*, espécies raras ou pouco conhecidas em todo o território nacional (Sick, 1997).

Atualmente, pouquíssimo pôde ser levantado sobre as condições do material ornitológico e mesmo zoo-botânico, etnográfico e mineralógico do trabalho dos naturalistas poloneses no Paraná. Maior parte dos espécimes ornitológicos encontra-se estacionária, sem uso ou estudo e mantida provisoriamente meio ao volumoso acervo neotropical do Museu e Instituto de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências (ou Museu Polônês de História Natural de Varsóvia, designação usada até a década de 20) (M.Luniak *per* Z.Bochenski, 1990 *in litt.*).

Deve-se, entretanto, considerar heróico o esforço de muitos dos pesquisadores da instituição (particularmente Tadeusz Jaczewski, Stanislaw Adamczewski e Stanislaw Feliksiak), que puderam proteger ou, em alguns casos (como do material entomológico depois da Segunda Grande Guerra) reconstruir o acervo científico e expositivo deste museu que data de 1819. É fato conhecido que durante a ocupação alemã da Polônia, exatamente entre 8 e 9 de novembro de 1939, oficiais da SS invadiram o Museu de Varsóvia, saquearam espécimes zoológicos selecionados, assim como vários volumes da biblioteca e equipamentos variados (Kazubski, 1996). Na realidade, embora o governo alemão não apresentasse qualquer interesse no material depositado no Museu até meados da década de 40, passou a considerá-lo alvo estratégico, ateando-lhe fogo por volta de agosto de 1944. Isso ocorreu como retaliação às atividades de resistência de diversos pesquisadores da instituição, ativos do movimento de resistência polônês, que chegaram a armazenar armamentos e explosivos no interior da instituição (Kazubski, 1996).

Assim, fica factível esperar que parte do material obtido no Paraná poderia encontrar-se atualmente, e na melhor das hipóteses, em algum museu alemão ou mesmo em outro país europeu. Tais hipóteses, contudo, poderão apenas ser confirmadas - e o enigma elucidado - quando for possível uma nova revisão do magnífico legado de Chrostowski em vários museus da Europa e mesmo dos Estados Unidos da América, pesquisa esta aguardada desde a publicação de Sztolcman, em 1926.

O acervo mantido em Varsóvia, por sua vez, embora não perfeita e adequadamente conservado, está guardado em uma construção a 30 km de Varsóvia, na cidade de Lomna, sem nenhum pesquisador responsável. Consiste de uma cifra ainda maior do que esperávamos; trata-se, a coleção Chrostowski ali mantida, de 1597 exemplares, de 387 espécies e subespécies, coletados entre 1910 e 1923 (M.Luniak, 2001 *in litt.*). O material recolhido pelos abnegados naturalistas no Paraná, teria sido ainda maior e mais valioso, não fosse o fato de todos os integrantes da viagem terem contraído malária, quando tentavam finalizar a expedição indo de Foz do Iguaçu a Guarapuava. A moléstia complicou-se seriamente em CHROSTOWSKI, evoluindo em uma pneumonia aguda, o que lhe custou a vida, na data de 4 de abril de 1923. Foi enterrado no interior da mata, às margens do Rio Benjamin Constant, no município de Matelândia, nas proximidades da atual Estrada do Colono. Por coincidência, 16 anos mais tarde criar-se-ia, nesse mesmo local, o Parque Nacional do Iguaçu, com o objetivo de preservar um dos maiores patrimônios naturais e cênicos do Brasil.

Seu jazigo, originalmente humilde como foram seus próprios hábitos, recebeu em 1934, um monumento em pedra, encimado por uma cruz de cedro, como homenagem da comunidade polono-brasileira (Wachowicz, 1994); anos depois, foi transferido para o interior da mata, protegido contra o vandalismo (M.Bittencourt e A.Lara, *com.pess.*).

O resultado das expedições polonesas, valeu-nos quase uma dezena de publicações referentes ao material coletado, não apenas sobre aves mas também miriápodos, moluscos e insetos, especialidade maior de Jaczewski (Chrostowski, 1921; Jaczewski, 1924 e 1925; Domaniewski, 1925, 1929; Sztolcman e Domaniewski, 1927), bem como plantas, rochas e artefatos etnográficos.

Deve-se ao também polonês Jan Sztolcman, o único catálogo disponível sobre o material ornitológico coletado pela Expedição Polonesa de 1921-1924 (Sztolcman, 1926a), incluindo números e localidades de espécimes, bem como anotações de campo adicionais, originadas das observações de CHROSTOWSKI. Embora considerada obra de consulta obrigatória em estudos ornitológicos paranaenses, esse trabalho merece revisão, não apenas das identificações como dos pretensos novos táxons por ele propostos. Há, por exemplo, vários casos de determinações específicas postas em dúvida pelo próprio autor ou incoerentes no sentido biogeográfico, como no caso de *Ardea herodias*, espécie típica da América Central e do Norte e vários outros (*e.g.* *Micrastur gilvicollis*, *Buteo swainsoni*). Além disso, dos 25 táxons descritos nessa publicação, nenhum é aceito atualmente, embora uma reavaliação minuciosa do material-tipo seja necessária para uma posição mais definitiva.

É de se lastimar que até hoje não se tenha prestado o devido reconhecimento a toda essa produção zoológica, já que as mesmas permanecem ignoradas em quase todos os levantamentos históricos da Ornitologia no Brasil; foi apenas a partir de meados desta década, que começaram a ser citados em alguns compêndios (Nomura, 1995; Sick, 1997).

Para maiores detalhes sobre as expedições, localidades de coleta e inclusive aspectos biográficos dos naturalistas poloneses no Paraná veja-se Jaczewski (1923, 1925), Sztolcman (1926a), Domaniewski (1925), Borzek e Chwalczewski (1937), Brzek

(1959), Rokuski (1976), Suchodolski (1963), Straube (1990d, 1993b, 1993c), Urbanski (1991), Slabczynscy e Slabczynscy (1992), Czopek (1994), Wachowicz (1994), Petrozolin-Skowronska (1995), Nomura (1995) e Straube e Urben-Filho (2001).

Uma revisão minuciosa e atualizada da localização geográfica desses topônimos encontra-se em preparação (Straube e Urben-Filho, em prep.) e tem indicado que várias localidades do centro-sul do Estado foram mencionadas como referência aos proprietários e, portanto, inexistem em mapas oficiais. Outro detalhe importante diz respeito à alteração de alguns nomes geográficos, inclusive aqueles situados nas margens de rios com grande potencial hidrelétrico (e.g. Rio Jordão), alguns deles já completamente descaracterizados ou submersos por obras para geração de energia.

Apesar de muitos topônimos terem suas localizações “corrigidas” por alguns autores, é de se salientar que em alguns casos o equívocos ou incertezas foram amplificados. É o caso, por exemplo, de “Coupim” corrigido por Vanzolini (1992) para “Chopinzinho”, mas que se trata, na verdade, de um bairro antigo do município de Imbituva, distanciado quase 200 quilômetros da atualização conferida por esse autor.

Certas situações, merecedoras de reparos documentados merecem ênfase, não tanto para grafias incorretas (e.g. “Faz. Duraki”, ao invés de Fazenda Durski), mas principalmente para grafias difíceis de serem corrigidas (e.g. Cará Pintada, alusão ao peixe, no feminino, *versus* Cara Pintada, alusão às faces do rosto dos índios) (F.Straube e M.Miretzki, inédito).

Cabe lembrar, que a maioria dessas localidades foi visitada em várias de nossas viagens ornitológicas paranaenses e, em algumas situações, tiveram sua avifauna relativamente bem amostrada, também por autores contemporâneos (e.g. Straube *et al.*, 1987; Anjos e Seger, 1988; Pichorim e Bóçon, 1996; Straube e Bornschein, 1995, mas também P.Scherer-Neto, R.Krul, V.Moraes, J.Mähler-Jr., A.Urben-Filho, incluindo razoável série de espécimes, depositados no Museu de História Natural Capão da Imbuia de Curitiba).

O itinerário percorrido, pode ser resumido em seis partes, definidas pela fitofisionomia e características fisiográficas regionais e pelas atividades de coleta ornitológica: 1º parte: propriedades rurais de imigrantes poloneses na região centro-sudeste até as nascentes do Rio Ivaí, na localidade de Tereza Cristina onde inicia a transição fitogeográfica com as florestas estacionais; 2º parte: vale do Rio Ivaí até aproximadamente a Corredeira do Ferro, onde predomina a floresta estacional semidecidual do planalto paranaense; 3º parte: dessa cachoeira até a foz do Rio Ivaí cuja paisagem, assentada sobre o Arenito Caiuá, modifica-se gradativamente até atingir a fisionomia de uma mata mais seca, com eventuais representações de várzeas e campos de inundação; 4º parte: vale do Rio Paraná desde a latitude 24°S, aproximadamente coincidente com o Trópico de Capricórnio até a foz do Rio Iguaçu, margeado por florestas estacionais e brejos sazonais; 5º parte: região onde atualmente situa-se o Parque Nacional do Iguaçu, desde a cidade de Foz do Iguaçu até a localidade de Pinheirinho, local de falecimento de Chrostowski e onde a expedição praticamente cessou as coletas de aves; 6º parte: travessia de oeste a leste de todo o território paranaense, deixando a floresta estacional típica do Parque Nacional do Iguaçu e passando por vários tipos vegetacionais, desde o planalto (matas de araucária e campos) até a Serra do Mar (mata atlântica serrana) e a porção do litoral (mata atlântica da planície quaternária). Aspectos mais detalhados sobre essas regiões e sua vegetação podem ser obtidos em Keller e Keller (1933), Maack (1941, 1968), Braga (1962), Straube (1998b), bem como nas suscintas descrições fitofisionômicas de Jaczewski (1925) e Sztolcman (1926).

### MARIA ELIZABETH EMILIE SNETHLAGE (1928)

Em fins da década de 20, EMILIE SNETHLAGE, uma das mais importantes figuras na Ornitologia brasileira, visitou o Paraná em duas passagens. A primeira incluiu a região da Serra da Graciosa, na Serra do Mar e a segunda, as adjacências da cidade de Foz do Iguaçu.

SNETHLAGE cumpriu, neste Estado, parte do caminho de sua mais importante expedição em solo brasileiro: visitou a localidade chamada Corvo, na Serra da Graciosa (abril a maio de 1928), seguindo depois para sul até o extremo sudoeste do Rio Grande do Sul. Seguindo viagem, esteve no oeste de Santa Catarina (Porto Feliz, na margem direita do Rio Uruguai, hoje Mondai) e em Posadas, na Argentina, para então, após cinco meses, chegar à outra localidade paranaense da peregrinação: Foz do Iguaçu (outubro a novembro de 1928). De lá, no final de 1928, rumou para o Mato Grosso do Sul, dando continuidade a uma vasta peregrinação pelo Brasil Central (Cunha, 1989).

Seu material foi depositado no Museu Nacional do Rio de Janeiro e, em pequena parte, catalogado por ela própria em uma edição *post mortem* (Snethlage, 1936). Do Paraná, sabe-se que obteve especialmente pássaros pequenos, especialmente Furnariidae e Formicariidae. Pode-se afirmar, com toda certeza, que SNETHLAGE teve uma boa surpresa com a avifauna serrana paranaense, encontrando em Corvo alguns táxons pouco representados em coleções, dentre eles *Stephanoxis loddigesi*, *Picumnus nebulosus*, *Lepidocolaptes falcinellus*, *Campyloramphus falcularius*, *Cichlocolaptes leucophrus*, *Merulaxis ater*, *Onychorhynchus swainsoni* e *Hemitriccus obsoletus*, alguns desses ainda inexistentes naquele acervo. Dentre o material colecionado no Corvo está, por exemplo, o furnarída *Anabacerthia amaurotis*, que fomos descobrir como ocorrente no Estado, muito tempo depois (Scherer-Neto e Straube, 1995). Em Santa Catarina, fez uma pequena série de *Leptasthenura setaria*, espécie endêmica das matas de araucária onde poucos naturalistas estiveram e que faltava nas coleções do Museu Nacional.

SNETHLAGE não teve existência marcante apenas para a Ornitologia, mas também participou de atividades patrióticas e de defesa de classe. A exemplo de Marie Sklodowska Curie e Sophia Kowalewski, expoentes da ciência européia em meados do século passado, impôs-se bravamente no movimento feminista, surgindo como uma das primeiras mulheres (ao lado da bióloga Bertha Lutz) a ter participação ativa na política e administração pública no Brasil. Um exemplo disso foi sua contratação pioneira para um cargo de nível superior no Museu Paraense Emílio Goeldi, instituição na qual, posteriormente, assumiu o cargo de diretora (Cunha, 1989).

Suas longas peregrinações a lugares absolutamente inóspitos da Amazônia eram consideradas, naquela época, uma tarefa extremamente árdua para uma mulher e, na realidade, tinha convicção de que estava fazendo "trabalho de um homem" (*vide* Sick, 1997). De fato, em um cartão postal por ela enviado ao naturalista curitibano Guido Straube (1914) que selava um intercâmbio de publicações, teria assinado no fim da missiva "Dr. E.Snethlage, diretor interino [do Museu Goeldi]".

De comportamento singular, SNETHLAGE chamava atenção pela individualidade e rudeza, paradoxalmente dividida com a amabilidade e sua vestimenta: os longos vestidos, usados mesmo quando em campanha, em perseguição aos pássaros para seus estudos. Seu perfil foi mais ou menos sintetizado por R.Moraes, em 1938 (Cunha, 1989):

*“Quanto à naturalista, valia por um atestado de altas qualidades germânicas. Se não era formosa, possuía no entanto uma graça e uma simpatia que a tornavam envolvente, dêm de fina inteligência, do*

*trato ameno e da coragem que a sobrepunha, em qualquer momento, ao tipo comum da mulher. Possuía além disso um golpe de vista psicológico seguro sobre as pessoas, de maneira a surpreender pela máscara humana, os refulhos da alma”.*

### **EDWIN STEIGER (1929)**

A clássica localidade de "Candido de Abreu", percorrida por vários viajantes especialmente T.CHROSTOWSKI (*vide*) foi, no ano de 1929, a área de trabalho de EDWIN STEIGER que coligiu espécimens hoje depositados no *Field Museum of Natural History* de Chicago, EUA (D.Willard, *in litt.* , 2001). A julgar por sua coleção, pode-se supor que STEIGER não era dedicado à Ornitologia, tendo-se em vista o pequeno número de espécimes obtidos, cujas espécies parecem ter sido colecionadas mais por um caráter ilustrativo do que abrangente da comunidade ornitológica local. O naturalista obteve 32 espécimes nessa localidade, dentre quase um mês (28 de outubro a 30 de novembro de 1929), incluídas as peles oriundas de "Apucarana" (*Dryocopus lineatus*, FMNH-69230) e "Ponta Grossa" (*Knipolegus lophotes*, FMNH-69232 e *Speotyto cunicularia* FMNH-69231), essas talvez colhidas durante viagens para os arredores.

Entretanto, dentre o acervo, pode-se destacar alguns táxons de grande interesse no conhecimento da avifauna paranaense, destacando-se *Amazona vinacea*, *Ara maracana*, *Aratinga auricapilla* e principalmente *Dryocopus galeatus* e *Psarocolius decumanus*.

STEIGER, levando-se em conta as espécies capturadas, usava arma de calibre médio a grosso, uma vez que não abateu nenhuma espécie de pequeno porte. Usava, talvez, sua arma mais para a caça de subsistência, abatendo eventualmente espécimes para estudo, com maior interesse nos psitacídeos (5 espécies) e picídeos (4 espécies), representantes esses das aves ditas de "couro grosso" e, portanto, de taxidermia mais fácil e garantida. Não descartamos, ainda, que tenha tido alguma relação com o naturalista polonês ARKADY FIEDLER (*vide*), haja vista a incrível coincidência cronológica e de locais amostrados.

Também são desse coletor, as peles da localidade de "Rio Baile", em quase todas as fontes atribuídas ao Estado do Mato Grosso do Sul (*vide* Paynter e Traylor, 1991), mas que devem ser transferidas para o Estado do Paraná. Rio Baile é uma vila situada nos arredores da sede municipal de Cândido de Abreu. A pequena coleção desta localidade, também em Chicago, consta de apenas oito espécimes de seis espécies (entre as datas de 27 de outubro e 26 de novembro de 1929), com destaque para *Amazona vinacea* e *Aratinga auricapilla* (D.Willard, *in litt.* , 2001).

### **ARKADY FIEDLER (1928-1929)**

Consta haver ocorrido, no ano de 1929, uma expedição para as "regiões oestes do Paraná", por intermédio do cronista e naturalista polonês ARKADY FIEDLER. Ele teria levado várias caixas de aves, mamíferos e répteis para o Museu de História Natural de Poznan, com o endosso do então diretor do Museu Paranaense, Rubens Assumpção (Museu Paranaense, 1929: no documento original, consta Adam Fiedler, por certo um equívoco). Segundo consta, Fiedler teria vindo ao Paraná "...para continuar as pesquisas ornitológicas do Dr.Chrostowski, interrompidas pela morte desse naturalista" (Kawka, 2000). FIEDLER, de fato, teria outras ligações com Chrostowski. Seu pai, Antonio, tinha uma gráfica, na qual foi impresso o livro *Parana: wspomnienia z podróży w roku 1914* (Memórias da expedição ao Paraná em 1914) (Chrostowski, 1922), que relata, dentre

outros aspectos, as aventuras do naturalista polonês nas matas paranaenses, incluindo observações ornitológicas de cunho popular (v. T.Chrostowski). A leitura de livros como esse teria despertado sua vocação científica e ornitológica. FIEDLER ficou muito conhecido na Polônia, por seus mais de 300 artigos e livros de relatos, contendo descrições de viagens por todo o mundo (Wachowicz e Malczewski, 2000).

Sua permanência no Paraná, contudo, é apenas confirmada para a chamada Colônia Cândido de Abreu (v. Chrostowski e Steiger), onde teria feito amizade com um imigrante chamado Tomas Pazio. Baseado nas suas observações neste local, teria publicado dois livros, ambos de divulgação, tratando da fauna regional: "*Bichos, moi brazylijscy przyjaciele*" (Bichos: meus amigos brasileiros, 1931) e dos indígenas: "*Wśród Indian Koroadów*" (Entre os índios Coroados, 1932). Segundo consta, sua coleção teria somado oito mil exemplares da fauna paranaense, dos quais 1150 aves, 4000 lepidópteros e 2000 coleópteros que acabaram destinados ao Museu de História Natural de Poznan (Wachowicz e Malczewski, 2000).

### **EMIL KAEMPFER (1930)**

A viagem do alemão EMIL KAEMPFER e sua esposa, foi uma das mais produtivas já realizadas ao Brasil neste século. Entre os anos de 1926 e 1931, o naturalista contratado pela ornitóloga Elsie Naumburg do *American Museum of Natural History* de Nova York (EUA), obteve quase 10 000 espécimes em várias regiões do nordeste, sudeste e sul do Brasil e adjacências da República do Paraguai, inclusive o Chaco (Naumburg, 1935).

Entre fevereiro e junho de 1930, dedicou-se às atividades de coleta ornitológica em território paranaense, deslocando-se pelas matas de encosta e de altitude da Serra do Mar até os planaltos com matas de araucária do vale do Rio Iguaçu e estacionais da região de Foz do Iguaçu.

Embora inclua topônimos facilmente localizáveis em cartas geográficas, o itinerário de KAEMPFER não é dos mais fáceis de serem reconstituídos. A indicação das localidades de coleta e topônimos de referência, apresentada por Naumburg (1935) suscitam algumas dúvidas no que diz respeito ao trajeto e tempo gasto para percorrê-lo. Há, por exemplo, algumas datações muito próximas para os distantes estados de Santa Catarina e Espírito Santo ou Minas Gerais. Estando acompanhado por sua esposa, é admissível que tenham ambos, em algum lugar, se separado, mantendo-se a obter espécimes simultaneamente.

Embora tal procedimento seja relativamente aceitável, prefere-se um outro, adicional. Segundo relatos de moradores antigos da região do Salto Piraí, Santa Catarina (onde esteve em maio e junho de 1929), KAEMPFER e sua esposa costumavam remunerar filhos de moradores locais para abater pássaros, enquanto encarregavam-se do penoso trabalho de taxidermia (M.Da-Ré, 1991 inf.pess.). A esse fato, ou ambos, poder-se-ia atribuir a causa de tais discordâncias cronológicas.

Na realidade, certas partes do seu itinerário são mesmo enigmáticas. Ao invés de rumar diretamente ao sul, pelo litoral de Santa Catarina para depois retornar pelo planalto do Rio Grande do Sul a fim de atingir o Mato Grosso do Sul e Paraguai, optou por caminho diferente. Preferiu, ao chegar ao Paraná (certamente por navio, proveniente de Vitória, Espírito Santo e desembarcando em Paranaguá) (fevereiro de 1930), cruzá-lo de leste a oeste, desde a Serra do Mar até o vale do Rio Paraná de onde seguiu para as adjacências sul-matogrossenses (junho de 1930). Supõe-se que, uma vez dado ao Porto de Paranaguá, subiu a serra pela centenária Estrada da Graciosa, até chegar ao ponto de maior altitude dessa rodovia, na Serra da Graciosa, hospedando-se na localidade

chamada Corvo, essa, por sinal, uma de suas estações de coleta. Ali teria, por certo, aproveitado para coletar espécimes nos mais variados gradientes altitudinais, uma vez que a localização desse topônimo está estrategicamente no divisor de águas entre as bacias hidrográficas do Atlântico e do Iguazu, permitindo também o acesso a regiões altas com florestas alto-montanas e campos de altitude das montanhas denominadas Morro Sete e Caranguejeira (F.Straube, obs.pess.).

Pouco mais de duas semanas permaneceu na região, rumando então para o próximo local: Fazenda Monte Alegre, hoje no município de Telêmaco Borba (nas proximidades da sede municipal), tradicional ponto de parada, visitado inclusive por ERNST GARBE, 16 anos antes (*vide* E.Garbe). Para lá chegou, ao que parece, primeiro por via rodoviária até Castro e Tibagi, depois seguindo ao longo do Rio Tibagi até a citada fazenda.

Embora o transporte ferroviário estivesse em franco desenvolvimento no Paraná da época, supor o seu deslocamento por trem é inadmissível, haja vista que o ramal que faz o acesso a Harmonia (atual denominação da Fazenda Monte Alegre) foi concluído apenas em 1957 (RFFSA, 1985). O mesmo não se pode afirmar para a continuidade da expedição, que chegou a Porto Almeida (situado a poucos quilômetros a noroeste da cidade de União da Vitória, no Rio Iguazu) muito provavelmente por via férrea, seguindo por Castro, Ponta Grossa, Irati, Mallet e finalmente União da Vitória.

Outra questão incerta refere-se ao modo como dali de Porto Almeida (onde permaneceu coletando por outras duas semanas) seguiu viagem para atingir a cidade de Guaíra, no extremo oeste do Estado. Nas opções de deslocamento rodoviário do Paraná contemporâneo, havia apenas estradas até Campo Mourão ou Foz do Iguazu, respectivamente nos divisores Piquiri-Ivaí e Ivaí-Iguazu. Estradas de ferro, não haviam e o Rio Piquiri não é navegável nesse trecho, compreendendo suas nascentes.

Enquanto permaneça essa dúvida, o final do percurso é bastante dedutível. Depois de Guaíra desceu pelo Rio Paraná, permanecendo por alguns dias em Porto Mendes (distante cerca de 60 km daquela cidade, às margens do Rio Paraná) e depois em Porto Britânia para atingir Foz do Iguazu. De lá voltou a Guaíra, de onde dirigiu-se pelo Rio Paraná acima, até as adjacências do Mato Grosso do Sul.

Há que se corrigir uma questão de grafia com relação a topônimo “Fazenda do Iguassú”, o qual refere-se não a uma fazenda e sim a uma interpretação equivocada do que Naumburg (1937 e 1940) julgou se tratar de uma abreviatura (“Faz.” ao invés de Foz).

Outro aspecto interessante da Expedição Kaempfer ao Brasil, é a semelhança de várias localidades de coleta com as visitadas por EMILIE SNETHLAGE. Isso pode ser verificado em alguns pontos do sudeste (*e.g.* Baixo Guandu, afluente do Rio Doce, ao norte de Vitória, Espírito Santo) e também do sul (*e.g.* Corvo e Foz do Iguazu no Paraná e Uruguaiana no Rio Grande do Sul).

Segundo Cunha (1989), SNETHLAGE estava na Serra do Caparaó entre agosto e setembro de 1929, onde inclusive teria se perdido na mata, fato esse ressaltado em sua biografia. Local e data coincidem com a localização em que KAEMPFER estivera coletando. Assim, é muito provável que tenham se encontrado, cabendo a SNETHLAGE algumas sugestões de localidades a serem visitadas no sul do Brasil, pois já havia estado ali há pouco mais de um ano antes (*vide* E.Snethlage). Tal situação vem também explicar a razão pela qual KAEMPFER teria visitado por duas ocasiões o Estado do Rio Grande do Sul, ficando para a segunda estada (talvez por sugestão daquela naturalista, oferecida em bom e fluente alemão...) os trabalhos de coleta no extremo sudoeste daquele estado, onde ocorre a típica vegetação do espinilho (sudoeste de Uruguaiana), com várias espécies de aves que, no Brasil, ocorrem apenas ali.

Apesar dessas coincidências, o percurso de ambos é diferente. No sul do Brasil, SNETHLAGE preferiu descrever um caminho em “V” com vértice no centro sul-riograndense e extremidades no Corvo (a leste) e Guaíba (a oeste). Já KAEMPFER teria transpassado todo o Paraná, de leste a oeste e dali seguiu para o Mato Grosso do Sul e Paraguai para então adentrar o litoral do Rio Grande do Sul, de quando é sua última data de coleta, em 1931. Com tais argumentos pode-se explicar o porquê de não ter visitado o Estado de Santa Catarina novamente, visto já tê-lo estudado desde o oeste (margem do Rio Uruguai) até o leste: Colônia Hansa-Humboldt (*vide* W.EHRHARDT) e depois a cidade portuária de São Francisco, pouco antes de seu encontro com SNETHLAGE.

Sobre o material de KAEMPFER, é sabido que manteve-se anteriormente sob a guarda da própria Elsie Naumburg, sendo doado ao *American Museum of Natural History* de Nova York, consistindo um acervo separado, chamado Coleção Kaempfer. Logo após a morte de Naumburg, todos os espécimes foram relocados à coleção geral daquele museu, dificultando ainda mais a consulta, acesso e estudo geograficamente setorizado (Belton, 1984).

O único estado que conta com lista de espécimes, regionalmente discriminados é o Rio Grande do Sul, graças à iniciativa de William Belton que contou 2813 peles (Belton, 1984 e 1985). Informações sobre vários exemplares que podem ser atribuídos a KAEMPFER (inclusive alguns coletados no Paraná) constam na monumental obra de Zimmer, publicada com enfoque taxionômico em vários artigos do *American Museum Novitates* (Zimmer, 1931 e subsequentes). Entretanto, nesses trabalhos seriados, não há discriminação de coletor ou data nem museu onde se encontra o material, havendo inclusive localidades exclusivas de A.HEMPEL (*vide*) como a “Fazenda Cayoá” e de A.ROBERT (*vide*) como Roça Nova, todas também sem quaisquer indicações mais detalhadas.

Embora a maior parte do material estudado por Zimmer seja do *American Museum*, é sabido que ele tinha contacto com vários pesquisadores da época, que remetiam-lhe informações sobre outros museus. É o caso do *Academy of Natural Sciences* (J.Bond e R.Meyer de Schauensee), *Museum of Comparative Zoology* (J.L.Peters), *Field Museum of Natural History* (C.E.Hellmayr), *Carnegie Museum* (W.C.Todd), *United States National Museum* (H.Friedmann), bem como de vários museus da Europa (C.E.Hellmayr), inclusive do quase privativo *Zoological Museum* de Berlim (E.Stresemann) e do *Royal Natural History Museum* de Estocolmo e mesmo um sul-americano, a Coleção Phelps (William Phelps-Jr.). O trabalho de Zimmer, exaustivo porém não muito criterioso, era voltado às aves do Peru, daí o nome da série: *Studies on Peruvian Birds*. Ele teria usado material de outros países apenas para comparar subespécies (nunca espécies) afins. Assim, maior parte dos táxons da Mata Atlântica, em grande quantidade endêmicas, ficou mesmo fora das suas abordagens.

Adicionalmente sobre coleção de KAEMPFER, Collar *et al* (1992) informam sobre um *Sporophila falcirostris*, obtido na Fazenda Monte Alegre em 11 de março de 1930 que deve, sem dúvida alguma, ser atribuído a esse coletor.

Naumburg pretendia estudar com cuidado o acervo mas, em virtude de sua opção por atividades humanitárias durante a Segunda Grande Guerra, acabou por adiar tal projeto (Zimmer, 1955; Camargo, 1962). Não obstante, ela própria estudou alguns casos ornitológicos selecionados, enriquecidos com o material de KAEMPFER, como as subespécies de *Zenaida auriculata* (Naumburg, 1933) e três táxons tido como novos da região nordeste do Brasil, dentre eles o raro *Megaxenops parnaguae* (Naumburg, 1932).

Uma descrição mais detalhada sobre o itinerário da expedição foi apresentada em duas ocasiões, sendo a primeira, baseada nas anotações de KAEMPFER, dedicada às características geográficas e vegetacionais dos locais visitados (Naumburg, 1928); a

segunda, baseada nos rótulos de espécimens, concluiu-se como um dicionário geográfico dos topônimos, contendo altitude aproximada e intervalo de permanência em cada um deles (Naumburg, 1935). Sua tentativa de publicar um catálogo da coleção acabou interrompida, ficando disponíveis, na literatura, apenas as informações sobre Formicariidae e Rhinocryptidae (Naumburg, 1937 e 1940).

Desse último, pode-se selecionar, para os interesses ornitológicos do Paraná, alguns espécimens como *Corythopsis delalandi*, *Scytalopus indigoticus*, *Dysithamnus xanthopterus* e *Hylopezus nattereri*. Não há como deixar de mencionar a obtenção de registros, na localidade de Guaíra, para os congêneros *Mackenziaena severa* e *M.leachii* que, na maior parte de suas distribuições, são substitutos ecológicos, esse nas porções mais altas dos planaltos e serras da floresta atlântica e aquela nas planícies e planaltos de pequena altitude. Algo semelhante também ocorre com *Thamnophilus caerulescens caerulescens* e o co-específico *T.c.gilvigaster*, ambos também obtidos por KAEMPFER no Paraná. Informações complementares ao acervo paranaense, ainda, referem-se a *Xenops minutus* e *Trogon rufus* (Zimmer, 1948).

Por fim, um exemplar de um raro Tyrannidae, até então desconhecido da ciência, fez também parte do acervo: *Hemitriccus kaempferi*, descrito por John Todd Zimmer em homenagem ao brilhante coletor. Essa espécie enigmática, foi coletada em Salto Pirai (perto de Joinville, Santa Catarina) e é muito provável que também ocorra no Paraná (Scherer-Neto e Straube, 1995), embora seja, atualmente conhecido em apenas duas localidades do Brasil (Teixeira *et al.*, 1991), dificultando qualquer suposição de ocorrência, com base em escassas informações sobre suas preferências ambientais.

### **EMMET REID BLAKE (1937)**

Um expedição pouco conhecida fez o americano EMMET REID BLAKE para, segundo informações originais dos rótulos, a "*Fazenda Morungaba, headwaters Rio Itarare, Jaguariahyva, Parana*". Esse topônimo já havia sido visitado, embora rapidamente, por J.Natterer mais de um século antes (Straube, 1993). Dali obteve uma apreciável coleção que, além de peles, incluía material osteológico e expositivo, somando mais de 220 exemplares, atualmente depositados no *Field Museum of Natural History* de Chicago, EUA (D.Willard, 2001, *in litt.*).

Naquela localidade, situada em uma interessante zona de transição da mata de araucária com campos planálticos e cerrados, procedeu seu trabalho durante mais de dois meses (pelo menos entre 3 de novembro a 9 de dezembro, de acordo com as datas de coleta), no fim do ano de 1937. Em uma análise do acervo colhido ali, entretanto, pode-se afirmar que o ornitólogo não obteve espécies típicas do cerrado, que bem próximo dali, estava representado por relativamente extensas áreas, inclusive nos arredores da cidade de Jaguariaíva. Limitou-se o coletor a percorrer as matas de araucária, bem como suas bordas, vegetadas por campos e, eventualmente alguns habitats aquáticos.

Dessa coleção, pode-se enumerar algumas espécies interessantes, por serem incomuns naquela região, como *Knipolegus nigerrimus* e *Brotogeris tirica*, ou mesmo pouco representadas em coleções, como *Accipiter striatus*, *Pluvialis dominica*, *Asio stygius*, *Lophornis magnificus*, *Streptoprocne biscutata*, *Phyllomyias fasciatus* e *Phibalura flavirostris*. Blake, certamente interessado em alguns táxons em particular, obteve séries significativas de alguns Trochilidae, bem como de espécies selecionadas (*Elaenia mesoleuca*, *Anthus hellmayri*, *Basileuterus leucoblepharus*, *Zonotrichia capensis* e *Poospiza lateralis*, dentre outros).

"BOB" BLAKE era um exemplo de naturalista devotado. No início da carreira, para ganhar a vida, ministrava aulas de boxe e natação, até que foi convidado pelo ornitólogo Ernest Holt para uma expedição aos limites entre Brasil e Venezuela. Na sequência, antes por intermédio do *Carnegie Museum* e depois, como funcionário do *Field Museum of Natural History*, viajou para a América Central e regiões setentrionais da América do Sul (Venezuela e Guianas). Por fim, fez a expedição ao Paraná "*..where he collected for the research collections and the exhibit halls*". (Traylor e Willard, 1999). Após essa viagem, alistou-se no exército americano, participando da Segunda Grande Guerra em *fronts* na Europa e África. De retorno, decidiu-se firmemente a publicar suas observações obtidas no neotrópico desejo que concretizou-se com um livro sobre aves do México e com participação como autor na revisão de três famílias de aves (Corvidae, Vireonidae e Icteridae) no famoso *Peters' Checklist of the Birds of the World*. Voltando de sua última expedição, desta vez ao Peru, dedicou-se a um projeto ambicioso, a publicação do "*Manual of Neotropical Birds*", clássico de Ornitologia editado apenas em 1977 pela Universidade de Chicago (Blake, 1977). A continuidade dessa obra, prevista para ser impressa em cinco volumes, foi abortada enquanto preparava a segundo fascículo (Traylor e Willard, 1999). Blake deixou quase 70 títulos publicados, dentre eles descrições de táxons novos da Venezuela e Peru e outros estudos, em geral enfocando nidificação, primeiros registros de espécies, revisões taxionômicas e aspectos de distribuição e variação geográfica (SIA, RU nº 7308).

### **PERÍODO DE MAYER** **(Décadas de 40 a 60)**

Após todo esse rol de visitantes que adentravam os limites paranaenses colhendo espécimes destinados a vários acervos de todo o mundo, começaram a surgir, pelos idos de 1939 e, especialmente no ano seguinte, alguns esforços em prol do desenvolvimento científico no Paraná, os quais viriam a ser as atitudes precursoras de uma História Natural efetivamente comiciliada no Estado.

Passadas duas décadas da mais completa estagnação científica no cenário das ciências biológicas no Paraná que tentava, a exemplo de todo o Brasil, se reabilitar das privações pós-guerra, reaparece sob novo fôlego a figura do Museu Paranaense. Com um novo fôlego, em decorrência do fim da Segunda Grande Guerra e da Revolução de 1930, intensificaram-se as expedições para obtenção de material científico e expositivo, que tiveram como ponto de partida a primeira excursão zoológica oficial daquela instituição, ocorrida em 1939 (Cordeiro e Corrêa, 1985).

Graças a isso, com a natural evolução política do Museu, passam a surgir novos pesquisadores, ou mesmo alguns mais experientes, tomando partido nas suas atividades científicas, muitas vezes assumindo cargos administrativos. Assim surge a figura lendária do naturalista alemão ANDREAS MAYER (mais conhecido pela forma aporuguesada André Mayer). É graças a ele, somado a uma série de outros esforços, que finalmente a Ornitologia no Paraná tem seus primeiros momentos. Embora não se dedicasse propriamente ao estudo da Ornitologia, MAYER concentrava, inegavelmente, seus afazeres de naturalista coletor nesse grupo animal, tal como pode ser notado no acervo obtido (*cf.* Straube e Bornschein, 1989 *contra* Lorini e Persson, 1990; Bérnils e Moura-Leite, 1990; Wosiacki, 1990).

Ao mesmo tempo, coletores de outros importantes museus do Brasil passam a realizar expedições para esse Estado, tendo-se em vista as lacunas deixadas por naturalistas do passado, especialmente em zonas limítrofes. O então recém-criado

Parque Nacional do Iguaçu, próximo da fronteira com a Argentina e Paraguai foi visitado por JOÃO MOOJEN, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Poucos anos depois, ALVARO AGUIRRE e sua equipe estiveram no vale do rio do Paraná, a serviço do Museu da Fauna, também no Rio de Janeiro. Por fim, surgiram EMILIO DENTE e DIONISIO SERAGLIA, do Museu Paulista, em área muito próxima, na foz do Rio Ivaí.

Mas o destino estava selado. Embora os naturalistas provenientes de outros estados tivessem realizado um esforço de coleta apreciável, inclusive com o registro de espécies nunca mais verificadas nos limites paranaenses, a pesquisa ornitológica havia mesmo, e definitivamente, criado raízes em seu Estado natal.

### **ANDREAS MAYER (DÉCADAS DE 30 A 60)**

Um dos marcos da Ornitologia no Paraná ocorreu oficialmente em maio de 1947: a contratação, pelo Museu Paranaense, do alemão ANDREAS MAYER, naturalista viajante e preparador, depois chefe da Seção de Taxidermia da instituição (Cordeiro e Corrêa, 1985).

A contribuição de ANDREAS MAYER à História Natural no Paraná é incalculável, pois coletou não só material ornitológico (Straube e Bornschein, 1989a), mas também mastozoológico (Lorini e Persson, 1990), herpetológico (Bérnils e Moura-Leite, 1990), ictiológico (Wosiacki, 1990) e aracnológico (Pinto-da-Rocha e Caron, 1989). Em seus mais de 20 anos de trabalho, obtendo espécimens em sua maioria oriundos do Paraná, obteve quase 3000 exemplares de aves, cifra considerável se considerarmos as condições reinantes na época e o caráter sumamente regional de suas atividades.

Muitas das espécies obtidas, algumas delas comendo séries significativas, tornaram-se muito raras (*e.g. Pipile jacutinga, Ara maracana*) ou simplesmente não mais foram localizadas no Estado em nossas pesquisas recentes (*e.g. Crax fasciolata*), tratando-se provavelmente de extinções locais (Bornschein e Straube, 1991c).

MAYER, antes de estar oficialmente ligado ao Museu Paranaense, residia na colônia alemã de Terra Nova em Castro e, no tempo em que ali vivia, junto à sua esposa Emma Mayer, costumava vender espécimes de aves e mamíferos para o Museu Paranaense, conforme atestam várias de suas correspondências, sempre redigidas em alemão.

Diversos contactos postais com o então diretor do Museu, o antropólogo José Loureiro Fernandes, tornaram viável, então, a sua vinda para Curitiba, onde se estabeleceu definitivamente, passando a morar em uma casa no bairro Cabral até seu falecimento, na década de 80.

Na colônia de Terra Nova, o naturalista concentrou maior parte de seu trabalho. Para lá, mesmo depois de radicado na capital, viajava seguidamente, hospedando-se em sua casa, de estilo típico alemão, em um campo cercado por mata de araucária. Em seu laboratório improvisado, gastava horas a fio na preparação dos espécimes, tempo esse dividido com as incursões para as coletas. Nesse trabalho, colaborava seu grande amigo e companheiro de viagens, WILHELM SCHÜLLER e, às vezes, os filhos ainda meninos desse senhor, Wilhelm e Werner (com.pess.de ambos, em abril de 2001). Na colônia, MAYER era tratado com reservas, em virtude de seus "estranhos" hábitos de naturalista, considerados excêntricos pelos colonos. Por esse motivo, e também em alusão ao seu trabalho, era conhecido pelo apelido de *Vogel Mayer*.

Outro detalhe valioso para um traçado de seu perfil é que seu legado não restringiu-se a espécies de um determinado tamanho ou outro, de um ambiente ou outro... MAYER colecionava com o mesmo interesse e dedicação, as aves grandes e pequenas, fossem elas habitantes das matas, dos campos ou mesmo dos brejos e

banhados. Para isso usava uma espingarda de caça de três canos, sendo dois do tipo "espalha-chumbo" e o outro, de projétil único, calibre 45; tratava-se da popular *drilling*, restrita aos caçadores europeus, principalmente da Alemanha. Os dois primeiros canos, um deles tipo *cylinder* (com diâmetro anterior e posterior iguais), outro *choke* (com diâmetro posterior menor, favorecendo a concentração do chumbo), eram usados para animais de menor porte, para os quais dosava cuidadosamente a quantidade de pólvora e o tamanho das esferas de chumbo. Tal procedimento facilitava seu deslocamento por entre as ramagens, tendo um único objeto nas mãos, com um máximo de chance de flagrar os mais variados tipos de organismos.

Com alguma frequência, ainda, solicitava aos meninos, filhos de imigrantes alemães moradores de Terra Nova, para, munidos de estilingue, caçar passarinhos nos arredores da vila, sendo que os resultados do mutirão serviam-lhe para aumentar a representatividade das amostras (Wilhelm Schüller, com.pess. abril, 2001).

Não bastasse a importante contribuição ao conhecimento ornitológico no Paraná, suas peças, tanto didáticas como para estudos, são de uma perfeição pouco comum. Partidário de uma rígida escola germânica de taxidermia na qual teria se formado, MAYER era detentor de técnica única, ilustrada pela completa ausência de detritos que maculassem os espécimes e pelo absoluto primor com que ajustava a plumagem. Raros, ainda, são os exemplares que apresentam couro exposto pela queda das penas, indicando não apenas um capricho indiscutível mas, principalmente, o uso de conservantes poderosíssimos.

Sobre isso, uma antiga auxiliar (N.G.Correia, 1983, com.pess.) confidenciou-nos, resumidamente, os procedimentos para conservação das peles: o epitélio era cuidadosamente envenenado com pasta arseniacal líquida e, anualmente, o couro submetido a pinceladas generosas de um conservante à base de para-dicloro benzeno. Essa técnica, tradicionalmente realizada até os dias de hoje no Museu de História Natural Capão da Imbuia, permitiu que quase a totalidade de seus espécimes fossem mantidos íntegros, sem sinais de infestação por insetos ou fungos.

Estilo de preparação parecido ao de MAYER, não encontramos em nenhum outro museu brasileiro. O molde interno do corpo, firmemente tecido com palha e arame ou cordão, tinha um eixo de arame grosso que lhe atravessava o crânio e sua ponta era dobrada à guisa de gancho, para secagem. Depois de pronta, a pele parece cilíndrica, sem o achatamento dorsal característico e respeitando as proporções do animal quando vivo. É de se mencionar que, para o enchimento de alguns exemplares mais frágeis, utilizava musgo, enrolado por um cordão e obedecendo a forma original do animal.

Adicionalmente, é impossível deixar de mencionar o material expositivo, também artisticamente trabalhado, cuja perfeição na montagem deveu-se especialmente às suas rigorosas e demoradas observações de animais vivos, na natureza ou em cativeiro. Das peças, compunha ele próprio os pedestais, moldando-os em gesso envenenado, suportado por palha enrolada por arame ou cordão de algodão, algumas vezes anotando à lápis na face inferior: "AM". Informação como essa, permitiu-nos resgatar a data de coleta do raro *Eleothreptus anomalus* (Straube, 1990), antes exposto na coleção didática e, por nossa iniciativa, desmontado e transferido para o acervo científico.

MAYER gastava seu tempo como funcionário do Museu preparando peles, moldando pedestais, misturando conservantes e realizando outras tarefas próprias de um preparador caprichoso. Costumava, segundo contam ex-funcionários da instituição, permanecer trancado em seu laboratório, cuja porta era raramente aberta, exceto para apanhar o cafezinho servido pelas serventes que sempre dirigiam um olhar esquivo de curiosidade, antes de receber um "obrigado" com um sotaque alemão carregado.

Sua brilhante e produtiva participação em excursões científicas do Museu Paranaense foram amplamente reconhecidas em todo o Brasil. Olivério Pinto, Eurico Camargo (ambos do antigo Museu Paulista), Helmut Sick (na época funcionário da Fundação Brasil Central) e Fernando Novaes (Museu Paraense Emílio Goeldi), foram alguns dos que analisaram ou simplesmente identificaram seus espécimes. Um pequeno acervo de ectoparasitos obtidos na região de Guaraqueçaba em 1944, colhidos dos exemplares e conservados em álcool, foi aproveitado por Lindolpho Guimarães (Guimarães, 1945). Não há como deixar de mencionar a sua participação na coleta de espécimes de aves nos arredores da Serra dos Dourados, associado à expedição liderada por José Loureiro Fernandes e Wladimir Kozák e que foi a responsável pela descoberta dos índios Xetá, na década de 50 (Kozák, 1981). Também participou de expedições pela Seção de Antropologia da Universidade Federal do Paraná nas quais, surpreendentemente, não coletou nenhum material ornitológico (*e.g.* Estirão Comprido, nas nascentes do Rio Ivaí em dezembro de 1951, *apud.* Fernandes e Blasi, 1956).

MAYER, deslocou-se por quase todas as paisagens naturais do Paraná, em suas expedições levadas quase sempre na mais completa solidão. Algumas vezes acompanhava-o seu filho Edmundo Mayer, cujas pretensões pela Ornitologia foram abortadas por ser daltônico. Diz-se, ainda, o que foi confirmado por amigos pessoais de MAYER, que o falecimento prematuro deste filho seria um dos motivos para uma depressão profunda pela qual passou, que o fez abandonar de vez a prática da taxidermia e o gosto pela natureza.

Em uma de suas expedições para o vale do Rio Ivaí (1945), desta vez acompanhado do amigo Schüller, demorou-se vários meses, em busca de aves e mamíferos daquelas que eram regiões absolutamente inóspitas. Conta-se que, certa vez ao retornar a Terra Nova, os dois expedicionários quase que não foram reconhecidos pelos familiares e amigos, pelo avançado comprimento de suas barbas... (Wilhelm Schüller, *com.pess.*, abril, 2001).

De fato, dentre as regiões visitadas pelo biografado, destacam-se algumas extremamente importantes para o conhecimento da distribuição geográfica da avifauna local, por encontrarem-se atualmente quase que completamente descaracterizadas de sua fisionomia original. Áreas geográficas especialmente amostradas foram o noroeste (vale dos rios Paraná e Ivaí), as terras baixas do litoral-sul (vale do Rio Cubatão) e norte (região de Guaraqueçaba e estuários da Baía de Paranaguá), e vários pontos planálticos como os arredores das cidades de Castro, Palmas e Ponta Grossa. Um dicionário geográfico e revisão de itinerários mais detalhada encontra-se em preparação.

## **MUSEU PARANAENSE: FASE NATURALÍSTICA**

Saindo de um período do mais completo abandono, o Museu Paranaense adentrou sua fase mais brilhante e, ao mesmo tempo, de constante instabilidade.

O interesse oficial para com o patrimônio natural do Estado sob a forma de coleções científicas ou expositivas, reiniciou-se apenas em 1935, com o lançamento do Plano de Reorganização do Museu Paranaense (Fernandes e Nunes, 1956). Mas foi somente quatro anos depois que as coleções dessa instituição passaram a ter um caráter eminentemente científico, por iniciativa pessoal de seus administradores e da contribuição, muitas vezes voluntária, de uma equipe de jovens estudantes entusiastas.

Esse instinto cooperativo, alimentado pelo caráter multifacetário dos pesquisadores que ali se estabeleceram, imprimiu à instituição uma característica pluralista de interesse amplo, voltado à História Natural como um todo e não restrito a especialidades, ao contrário das tendências que começavam a se estabelecer já naquela

época. Essa equipe, segundo Cordeiro e Corrêa (1985) originou uma escola não-formal, que serviu-se para a formação dos cursos de História Natural das universidades do Estado.

Paralelamente a MAYER (*vide*), por volta do ano de 1941, a Seção de Zoologia do Museu Paranaense passou a receber a colaboração de auxiliares voluntários (Cordeiro e Corrêa, 1985), designados por atos oficiais. Dentre eles, destacou-se por seu significado na área ornitológica, o naturalista RUDOLF BRUNO LANGE, que contribuiu na coleta de espécimens e com suas publicações, versando sobre aspectos peculiares da bionomia de certas espécies de aves (Lange, 1967, 1981; Lange e Lange, 1992). LANGE dedicou-se também, e especialmente, à Mastozoologia, devendo-se a ele a primeira lista de mamíferos do Estado do Paraná (Lange e Jablonski, 1981).

Outros coletores que contribuíram, porém em menor vulto, foram o botânico RALPH JOÃO GEORGE HERTEL, o malacólogo CARLOS GOFFERJÉ, o antropólogo JOSÉ LOUREIRO FERNANDES, o entomólogo JESUS SANTIAGO MOURE e o taxidermista-preparador WILSON AGULHAM. Todos esses eram coletores ocasionais, embora tivessem contribuído com vários espécimes de aves do acervo atualmente depositado no Capão da Imbuia.

Na verdade há muito de obscuro nas expedições do antigo Museu Paranaense, pois, os técnicos escalados para as viagens de campo tinham compromisso de coletar exclusivamente amostras de grupos zoológicos pré-determinados, o que influía tanto nos preparativos de viagem como nas atividades desempenhadas em campo (C.Gofferjé *per* R.S.Bérnils, com.pess.1999). Tal exigência chegava a contrariar os jovens naturalistas, que dedicavam-se a atividades paralelas em períodos de folga, contribuindo com a ampliação e representatividade das coleções de vários grupos biológicos. Assim cresceram vários acervos, alguns deles particulares, com destaque para aracnídeos, miriápodos, moluscos e insetos.

Uma nova re-estruturação surgiu no Museu Paranaense em 1942, quando as coleções foram divididas em dois grupos, um deles englobando os objetos históricos, numismáticos e etnográficos e, o outro, as coleções de História Natural. Tal divergência foi a base para a separação definitiva em duas instituições, fato ocorrido em 1956, quando a seção biológica passou a ficar sob a guarda da Secretaria Estadual de Agricultura, sob a denominação de Instituto de História Natural (IHN) (Cordeiro e Corrêa, 1985).

Por volta da década de 60, os primeiros anos dourados da História Natural paranaense - e por assim dizer, da Ornitologia - começaram a manifestar sinais de falência, frente a um panorama político de desprezo ao valor científico das coleções e dos próprios cientistas que as idealizaram. O Museu Paranaense, já reestabelecido da segregação da história natural dentre suas atribuições, não mais participava das atividades ornitológicas e, assim, seu renome internacional, deixava de servir como argumento em prol da ampliação do acervo biológico antes sob sua guarda. Esse abandono temporário, causou perdas irreparáveis no conhecimento da avifauna local, visto que intensificavam-se os processos de colonização e da conseqüente descaracterização dos ambientes naturais.

Um novo arranjo institucional surgiu, mas devido a desacertos políticos, resultou em poucas modificações pelo avanço das coleções. O IHN passara, em 1963, a se denominar Instituto de Defesa do Patrimônio Natural (IDPN) e definitivamente instalou-se em sede própria, no bairro do Capão da Imbuia em Curitiba (Cordeiro e Corrêa, 1985).

A partir desse período, o quadro técnico da instituição que, aliás, não contava mais com nenhum pesquisador com interesses pelo estudo ou coleta de material

ornitológico, passou a se dispersar por aposentadoria ou transferência para centros de pesquisa mais estáveis, tais como as universidades (Cordeiro e Corrêa, 1985). Todo esse processo vivido pela única instituição de fato poderosa na pesquisa biológica paranaense daquela época resultou, pela absoluta inexistência de atividades voltadas à Ornitologia, em um marasmo sem precedentes, no âmbito da História Natural. O novo período de estagnação estava instalado; e foi superado somente uma década depois.

### **JOÃO MOOJEN (1941-1942)**

Uma pequena excursão do Museu Nacional do Rio de Janeiro, para obtenção de espécimes foi realizada ao recém-criado Parque Nacional do Iguaçu, na década de 40. Fôra, tal viagem, efetuada pelo naturalista JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA, entre os anos de 1941 e 1942.

Há uma série interessante (cerca de 300 números, rotulados entre os números MN-20919 a MN-21220) depositada naquele museu, embora na quase totalidade do acervo não haja a devida indicação de data de coleta. Exceto em alguns poucos casos (*e.g. Ara maracana* e alguns espécimes de mamíferos), essa informação consta nos rótulos ou nos livros de registro, com os quais foi possível rastrear cronologicamente a visita daquele naturalista. Esse problema não deixa de ser estranho, uma vez que em seu manual “Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo”, publicado no ano seguinte ao seu retorno do Paraná, MOOJEN menciona vários dados (inclusive data, nome vulgar, altitude, peso e indicações ecológicas) a serem colhidos como anotações prévias quando da coleta de espécimes para finalidades científicas (Moojen, 1943).

De qualquer forma, aguarda-se uma revisão das espécies obtidas, embora uma análise superficial tenha nos indicado que pouco há de novidade para a Ornitologia paranaense, representando essa coleção uma pequena parte da avifauna típica da floresta estacional da região oeste do Estado.

MOOJEN, na realidade, ficaria mais conhecido no campo da Mastozoologia, ao qual dedicou-se a partir da década de 40, publicando artigos sobre roedores e a obra clássica “Roedores do Brasil” (Moojen, 1952).

### **ÁLVARO COUTINHO AGUIRRE (1946)**

ÁLVARO AGUIRRE, a serviço do Museu da Fauna do Rio de Janeiro, uma das maiores coleções zoológicas expositivas em todo o Brasil, realizou quase três dezenas de viagens por várias regiões do Brasil. Desse valioso esforço para obtenção de espécimens, quando era funcionário da extinta Divisão de Caça e Pesca (que abrigava o Museu da Fauna) (Bucher, 1990), fez parte uma visita de uma semana para a região noroeste do Paraná.

Na margem esquerda da foz do Rio Paranapanema, especificamente na localidade de São José (atualmente município de São Pedro do Paraná), onde estiveram entre agosto e setembro de 1946, obtiveram espécies significativas da peculiar avifauna do noroeste paranaense. Dentre elas, destacam-se *Anhinga anhinga*, *Ara chloroptera*, *Galbula ruficauda*, *Baillonius bailloni*, *Campyloramphus trochilirostris*, *Philydor lichtensteini* e *Manacus manacus*.

Quando de sua estada ao Paraná, AGUIRRE dirigiu-se para a margem direita do rio Paranapanema (Pontal do Paranapanema) no estado de São Paulo, bem como as adjacências do Mato Grosso do Sul (Porto Primavera, Bataiporã). Ali colecionou material de também grande interesse como *Crypturellus undulatus*, *Crax fasciolata*,

*Aratinga aurea*, *Glaucidium minutissimum*, *Taraba major*, *Herpsilochmus atricapillus*, *Thlypopsis sordida*, *Sporophila collaris*, *Agelaius ruficapillus*, *A. cyanopus* e *Amblyramphus holosericeus*, todos representantes de espécies pouco conhecidas, algumas delas de presença supositiva no Paraná. Cabe lembrar que essa última localidade foi visitada posteriormente por ADELMAR COIMBRA-FILHO (agosto de 1971), de onde provêm uma pequena série depositada no Museu Nacional do Rio de Janeiro, dentre as quais: *Tringa solitaria*, *Campephilus robustus*, *Tangara cayana* e *Philydor lichtensteini* (Straube *et al.*, 1996).

Alguns exemplares depositados no Museu da Fauna (*e.g.* *Amazona vinacea* e *Pipra fasciicauda*), foram obtidos na região de Foz do Iguaçu (maio de 1950), assim como nas “proximidades do Parque Nacional do Iguaçu” (agosto de 1943), mas essa localidade não consta nas listas de topônimos visitados por AGUIRRE (Schubart *et al.*, 1965; Aguirre e Aldrighi, 1983 e 1987). É muito provável então, que a obtenção desses espécimes deva-se a algum dos integrantes de sua equipe que, entre o longo período de atividades de coleta (1939 a 1958), contava com quase dez pessoas, dentre taxidermistas e mesmo colaboradores espontâneos, dentre eles o preparador ANTONIO DOMINGOS ALDRIGHI (Aguirre e Aldrighi, 1983).

#### **EMÍLIO DENTE E DIONÍSIO SERAGLIA (1954)**

No início do ano de 1954, EMÍLIO DENTE e DIONÍSIO SERAGLIA, “práticos de laboratório” do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura (atualmente Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), visitaram o extremo noroeste do Estado, coletando por dois meses (janeiro a fevereiro de 1954), material ornitológico em duas localidades do vale do Rio Paraná.

Seguindo por via férrea, chegaram a Porto Epitácio, no Estado de São Paulo e de lá, descendo o Rio Paraná atingiram a localidade sul-matogrossense de Porto Felipe para chegar, afinal, na sua primeira estação de coletas, a foz do Rio Paracaí (hoje divisa dos municípios de Vila Alta e São Jorge do Patrocínio). Essa localidade situa-se defronte à Ilha Grande, entre as desembocaduras dos rios Ivaí e Piquiri e, como não trouxe bons resultados ornitológicos, apesar de suas tentativas de navegar a montante do Paracaí e jusante do Paraná, mudaram seu acampamento para um local situado a pouco mais de 30 quilômetros a norte. Tratava-se de Porto Camargo (atualmente no município de Icaraíma), situada em frente à Ilha dos Bandeirantes, também às margens do Rio Paraná.

O acervo obtido pelos naturalistas, consistiu de 480 espécimes ornitológicos, resultado particularmente volumoso tendo em vista um único mês de trabalho de campo. A coleção foi, posteriormente, analisada por Olivério Pinto e Eurico Camargo que identificaram 134 táxons, dos quais dois considerados novos: *Hylocharis chrysur* *lessoni* e *Campyloramphus trochilrostris guttistriatus* (Pinto e Camargo, 1956).

Algumas aves coletadas por DENTE E SERAGLIA são testemunho único de sua presença no Paraná e não foram mais encontradas em estudos subsequentes na região noroeste (Straube e Bornschein, 1995; Straube *et al.*, 1996). Tratam-se de *Antilophia galeata*, *Philydor dimidiatus* e *Herpsilochmus atricapillus*. Outras, podem ser consideradas raras ou com informações escassas de ocorrência: *Crypturellus undulatus*, *Anhima cornuta*, *Coccyzus euleri*, *Aratinga aurea*, *Galbula ruficauda*, *Jacamaralcyon tridactyla*, *Dryocopus galeatus* e *Psarocolius decumanus*. Há ainda aquelas exclusivas da região noroeste paranaense, cujos espécimes vêm a confirmar as características únicas da composição avifaunística dessa região paranaense: *Veniliornis passerinus*, *Campyloramphus trochilrostris*, *Cranioleuca vulpina*, *Hylocryptus rectirostris*, *Taraba*

*major*, *Thamnophilus doliatus*, *Herpsilochmus longirostris*, *Thryothorus leucotis*, *Ramphocelus carbo* e *Cacicus solitarius* (Pinto e Camargo, 1956).

Outro resultado digno de nota foi a obtenção de dois exemplares da arara-vermelha (*Ara chloroptera*), espécie atualmente rara no Paraná e que, segundo E.DENTE (1984, com.pess.), era bastante comum nas barrancas do Rio Paraná, mas apenas na margem esquerda desse acidente fluvial.

Pinto e Camargo (1956) quando publicaram a análise sobre o material do noroeste do Paraná, equivocaram-se duplamente em dois aspectos. Primeiro em afirmar que a região não havia sido, até então, visitada por nenhum colecionador; segundo por acreditar que o acervo não teria trazido novidades ornitológicas de monta. Na realidade, ANDREAS MAYER já teria, naquele tempo, realizado inúmeras expedições para o noroeste paranaense, desde a década de 40. O.Pinto e E.Camargo estavam conscientes disso pois recebiam, vez ou outra, material do Museu Paranaense para ser identificado e proveniente dessas excursões (*vide* Straube e Bornschein, 1989a).

Afora isso, algumas das espécies citadas por Pinto e Camargo (1956) representavam, sem dúvida, interessantes registros que ampliaram a distribuição geográfica conhecida de vários táxons, dentre eles *Herpsilochmus longirostris*, *H.atricapillus*, *Hylocharis chrysurus* e vários outros.

Os exemplares obtidos nessa excursão, encontram-se no acervo ornitológico do Museu de Zoologia de São Paulo e, aparentemente, não sofreram quaisquer reavaliações, a não ser análises específicas de alguns táxons (*e.g.* *Myiarchus* por Lanyon, 1978). Consta ainda que há alguns espécimes desse material no *Los Angeles County Museum of Natural History* (EUA) (Paynter-Jr. e Traylor-Jr., 1991)

**Agradecimentos.** Este trabalho é fruto de quase duas décadas de constantes revisões e atualizações, tendo sido originalmente publicado - embora de forma muito sumária - no livro "Aves do Paraná", editado em 1995. De fato, esse texto faz parte de um esforço que traz colaborações verdadeiramente valiosas de diversas pessoas. Além daquelas já mencionadas na referida obra que, de alguma forma contribuíram também com este estudo, gostaríamos de lembrar as que seguem discriminadas. Aspectos relativos a espécimes depositados em vários museus brasileiros, inclusive nossa permissão aos respectivos acervos, foram possíveis graças à intervenção de Dante L.M.Teixeira e Jorge B.Nacinovic (Museu Nacional, Rio de Janeiro), Hélio F.de A.Camargo e Luis Fábio Silveira (Museu de Zoologia, São Paulo), José Maria Cardoso da Silva e David C.Oren (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém). Jacques Cuisin (*Museum national d'Histoire naturelle*, Paris) forneceu informações sobre a coleção A.de Saint-Hilaire; John Bates, Shannon Hackett e especialmente David Willard, ajudaram com o material do *Field Museum of Natural History* de Chicago; Paul Sweet contribuiu com dados do *American Museum of Natural History* de Nova York.

Participaram direta ou indiretamente no nosso texto sobre as Expedições Polonesas, por meio de discussões, cessão de informações ou mesmo pelo envio de material bibliográfico: Grzegorz Kopij (Universidade Nacional de Lesoto), Maciej Luniak (Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia), Zygmunt Bochenski (Museu e Instituto de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia), Piotr Tryjanowski (Universidade Adam Mickiewicz, Poznań), Malgorzata Filipczak, Marzena Kowalska e Piotr Muras (Universidade Técnica, Lodz), Stefan Wladysiuk e Irene Tomaszewski (Instituto de Artes e Ciências Polonesas no Canadá, Montreal, Canadá), Marek Makowski (Consulado Geral da Polônia em Curitiba), Anna Sokolowska-Gogut (Universidade de Economia, Cracóvia), Wlodzimierz Golab (Universidade de Agricultura, Poznan), Justyna Andrzejczak (Universidade de Educação Física, Poznan), Ewa Szaflarska (Universidade de Minas e Metalurgia, Poznan), Krystyna Baron (Instituto Polonês de Artes e Ciências na América, Nova York, EUA), Piotr Daszkiewicz (Serviço do Patrimônio Histórico, Museu Nacional de História Natural, Paris, França) e Witek Chrostowski (Cracóvia).

No assunto Bigg-Wither, participou Robert Prys-Jones (*British Museum of Natural History*, Londres) e, com relação ao *Zoologischen Staatssammlung München* (Munique, Alemanha), o apoio partiu de Michael Miermeier e Matthias Maeuser. Sobre Emmet R.Blake, colaboraram Tracy Robinson e

William Cox (*Smithsonian Institute Archives*, Washington, EUA). Enviaram dados importantes sobre as coleções sob seus cuidados: Krzysztof Zyskowski (*Peabody Museum of Natural History*, Yale University, Cambridge, EUA), James Van Remsen (*Louisiana Museum of Natural Sciences*, Louisiana, EUA), Gerald Mayr (*Forschungsinstitut Senckenberg*, Frankfurt, Alemanha), Mary Hennen (*Chicago Academy of Sciences*, Chicago, EUA). Cederam dados inéditos ou participaram de várias discussões: Dione Seripieri e Paulo E.Vanzolini (Museu de Zoologia, São Paulo), Edwin O.Willis e Yoshika Oniki (Universidade Estadual Paulista, Rio Claro), José Fernando Pacheco, Hitoshi Nomura e Emílio Dente (*in memoriam*), além dos amigos de Curitiba: Amazonas Chagas-Junior, Paulo H.Labiak, Juliana Quadros, Liliani M.Tiepolo, Paulo R.Pagliosa Alves, Sérgio A.A.Morato, Angelica K.Uejima, Cassiano A.F.R.Gatto, Gledson V.Bianconi e Silvia R.T.Prado.

## Referências Bibliográficas e Literatura Consultada

- Aguirre, A.C. e Aldrighi, A.D. 1983. **Catálogo das aves do Museu da Fauna**: primeira parte 1983. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 143 pp.
- Aguirre, A.C. e Aldrighi, A.D. 1983. **Catálogo das aves do Museu da Fauna**: segunda parte 1987. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 83 pp.
- Alimov, A.F.; Tanasijtshuk, V.N. e Stepanjants, S.D. 1999. The collections of the Zoological Institute of the Russian Academy of Sciences as the basis for studies on species diversity. **Zoological Journal** **78**(9). [original em russo; versão em inglês obtida na internet: <http://www.zin.ru/collections/collect1.htm>]
- Angely, J. 1956. Estudo histórico das coleções botânicas do Paraná (Brasil). **Bol. Inst. Paranaense de Bot.** **2**:3-8.
- Anjos, L.dos e Seger, C.D. 1988. Análise da distribuição das aves em um trecho do Rio Paraná, divisa entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. **Arq. Biol. Tecnol.** **31**(4):603-612.
- Baratti, D. e Candolfi, P. 1999. **Vida y obra del sabio Bertoni**: Moisés Santiago Bertoni (1857-1929), un naturalista suizo en Paraguay. Assunção, Helvetas. 334 pp.
- Belton, W. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Rheidae through Furnariidae. **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.** **178**(4):371-631.
- Belton, W. 1985. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Formicariidae through Corvidae. **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.** **180**(1):1-241.
- Berlepsch, H.von. 1873. Zur Ornithologie der Provinz Santa Catarina, Süd-Brasilien. **Journ.Ornith.****21**(123):225-293.
- Berlepsch, H.von. 1874. Zur Ornithologie der Provinz Santa Catarina, Süd-Brasilien. **Journ.Ornith.****22**(127):241-284.
- Berlepsch, H.von e Ihering, H.von. 1885. **Die Vögel der umgegend von Taquara do Mundo Novo, Prov.Rio Grande do Sul**. Budapeste, Buchdruckerei des Franklin-Verein.
- Blake, E.R. 1977. **Manual of neotropical birds**. Chicago, University of Chicago Press.
- Bokermann, W.C.A. 1957. Atualização do itinerário da viagem do Príncipe de Wied ao Brasil (1815-1817). **Arq.Zool.São Paulo** **10**:209-251.
- Bucher, E. 1990. Álvaro Aguirre (1899-1987). **Ararajuba** **1**:123-124.
- Brzek, G. 1959. Złoty wiek ornitologii polskiej. **Memorabilia Zoologica** **3**: 1-175.
- Bertels, D.E.; Komissarov, B.N. e Licenko, T.I. 1988. **A expedição científica de G.I.Langsdorff ao Brasil: 1821-1829**. Brasília, Fundação Pró-Memória. 230 pp.
- Camargo, H.F.de A. 1962. Sobre a viagem de Emil Kaempfer ao Brasil. **Pap.Avuls.Dep.Zool.****15**(8):79-80.
- Carvalho, F.S.de. 1914. **Mappa do theatro de operações das forças federaes no Contestado**. S.l.; Esc.1:500 000.
- Chrostowski, T. 1912. Kolekcja ornitologiczna ptaków paranskich. **Sprawozdania Tow.Nauk.Warszawa [Compt.Rend.Soc.Scient. Varsovie]** **5**:452-500.
- Chrostowski, T. 1921a. On some rare or little known species of south-american birds. **Ann.Zool.Mus.Polon.Hist.Natur.****1**(1):31-40.
- Chrostowski, T. 1921b. Sur les types d'oiseaux neotropicaux du Musée Zoologique de l'Academie des Sciences de Péetrograde. **Ann.Zool.Mus.Polon. Hist.Natur.****1**(1):9-30.

- Chrostowski (*sic*), Th. 1922. Sur les types d'oiseaux néotropicaux du Musée Zoologique de l'Académie des Sciences. **Annuaire du Musée Zoologique de L'Académie des Sciences de Russie** 23:390-403.
- Chrostowski, T. 1922. **Parana: wspomnienia z podróży w roku 1914** [Memoirs from the trip to Parana 1914]. Poznań/Varsóvia, Nakładem Księgarnia Sw. Wojciecha. 237 pp., 16 fig., 1 mapa. Biblioteka Podroży, Przygod i Odkrywc, vol. 1.
- Chrostowski, T. 1922-1923. Polska Ekspedycja Zoologiczna. **Swit** 19, 32 (1922); 2, 14, 15 (1923).
- Cordeiro, A.A.de M. e Corrêa, M.F.de M. 1985. Histórico do acervo ictiológico da Divisão de Zoologia e Geologia da Prefeitura Municipal de Curitiba. **Bol. Div. Zool. Geol.**, zool. 1:1-8.
- Cunha, O.R. da. 1989. **Talento e atitude**: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. 159pp.
- Czopek, L. 1994. **Popularna encyklopedia powszechna**. Cracóvia, Oficyna Wydawnicza. Vol.3, p.132 (verbete: "Chrostowski Tadeusz").
- Domaniewski, J. 1925. Über der Formen der Gattung *Picumnus* Temm. **Ann.Zool.Mus.Polon. Hist.Natur.**4(4):287-308.
- Domaniewski, J. 1929. Jan Sztolcman (1854-1928). **Ann.Zool.Mus.Polon. Hist.Natur.**8:23-48.
- Feio, J.L.de A. 1953. Contribuição ao conhecimento da história da zoogeografia do Brasil. **Publicações Avulsas do Museu Nacional** 12:1-22.
- Fernandes, J.L. e Blasi, O. 1956. As jazidas arqueológicas do planalto paranaense: nota prévia sobre a jazida do "Estirão Comprido". **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** 6(3-4):3-16.
- Fernandes, J.L. e Nunes, M.D. 1956. **Oitenta anos de vida do Museu Paraense**: edição comemorativa do 80º aniversário do Museu Paraense. Curitiba, Museu Paraense. 18 pp.
- Gajl, K. 1923. Wspomnienia o sp. Tad.Chrostowskim. *In*: Miesięcznik poświęcony naukom przyrodniczym i ich zastosowaniu. Wydawany przez Polskie Towarzystwo im. M.Kopernika. **Przyroda i Technika**10(2):630-632.
- Goeldi, E.A. 1896. Johannes von Natterer: biographia. **Bol. Mus. Goeldi** 1(3):189-217.
- Gonzaga, L.P. 1989a. Catálogo dos tipos na coleção ornitológica do Museu Nacional. I-Não-Passeriformes. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, sér.zool. 5(1):9-40.
- Gonzaga, L.P. 1989b. Catálogo dos tipos na coleção ornitológica do Museu Nacional. II-Passeriformes. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, sér.zool. 5(1):41-69.
- Guimarães, L.R. 1945. Sobre alguns ectoparasitos de aves e mamíferos do litoral paranaense. **Arquivos do Museu Paraense** 4:179-190.
- Guix, J.C. 1995. **A Expedição científica espanhola de 1862-1866 ao Brasil**: aspectos históricos e relevância do material e da informação recolhida. Lisboa, Museu Nacional de História Natural. 15 pp.
- Haffer, J. (1974) Avian speciation in tropical South America with a systematic survey of the toucans (Ramphastidae) and jacamars (Galbulidae). **Publ. Nuttall Ornith. Club** 14:1-390.
- Harris, H.M. 1931. Nabidae from the State of Parana: From the scientific results of the Polish Zoological expedition to Brazil in the years 1921-1924 [Nabidae ze Stanu Parana (Z wyników naukowych Polskiej Wyprawy Zoologicznej do Brazylii w latach 1921-1924)]. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.**9:179-186.
- Hellmayr, C.E. 1906. Critical notes on the types of little-known species of neotropical birds. **Novitates Zoologicae** 13:305-352.
- Hellmayr, C.H. 1914. Critical notes on the types of little known species of neotropical birds, part III. **Novitates Zoologicae** 21:150-179.
- Hellmayr, C.E. 1915. Ein kleiner Beitrag zur Ornithologie des Staates Espirito Santo, Südostbrasilien. **Verh.Ges.Ornith.**12:126-159.
- Hempel, A. (1949) Estudo da alimentação de aves silvestres do Brasil. **Arq. Inst. Biol.** 19(16):237-268.
- Herr, D. 1931. Ernesto Garbe. **Revista do Museu Paulista** 17(1):567-570
- Hershkovitz, P. 1987. A history of recent Mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. *In*: B.D.Patterson e R.M.Timm eds. Studies in Neotropical Mammalogy: essays in honor of Philip Hershkovitz. **Fieldiana: Zoology**, new series 39:11-98.
- Ihering, H.von. 1898. As aves do Estado de São Paulo. **Rev.Mus.Paul.**3:114-500.
- Ihering, H.von. 1899a. **As aves do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano 1900, p.113-154.
- Ihering, H.von. 1899b. Critical notes on the zoogeographical relations of the avifauna of Rio Grande do Sul. **Ibis** 7(5):432.
- Ihering, H.von. 1902a. Contribuições para o conhecimento da ornithologia de São Paulo. **Rev.Mus.Paul.**5:291-303.

- Ihering, H.von. 1902b. Natterer e Langsdorff: exploradores antigos do Estado de São Paulo. **Rev.Mus.Paulista** 5:13-34.
- Jaczewski, T. 1923. Pamieci Tadeusza Chrostowskiego. Curitiba, Nakladem Związku Towarzystw Polskich Kultura. [referência obtida em Wachowicz, 1994]
- Jaczewski, T. 1924. Tadeusz Chrostowski: 25.X.1878-4.IV.1923. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.**3(3-4):167-172.
- Jaczewski, T. 1925. The Polish Zoological Expedition to Brazil in the years 1921-1924. Itinerary and brief reports. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** 4(4):326-351.
- Jaczewski, T. 1927. Corixidae from the State of Paraná. **Ann. Zool.Mus.Polon. Hist. Natur.**6(1):39-59.
- Jaczewski, T. 1928a. Mesoveliidae from the State of Paraná. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.**7:75-80.
- Jaczewski, T. 1928b. Hydrometridae from the State of Paraná. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.**7:81-84.
- Jaczewski, T. 1928. Notonectidae from the State of Paraná. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.**7:121-136.
- Kawka, M. 2000. Literatura polonesa com sotaque brasileiro. **Projeções: Revista de Estudos Polono-brasileiros** 2: 93-103
- Kazubski, S.L. 1996. The History of the Museum and Institute of Zoology, PAS. **Bull. Mus. Instit. Zool.** 1:7-19.
- Kepkiewicz, J. ed. 1980. **Polônia: pais e a gente**. Varsóvia, Ed.Interpress.231 pp.
- Kremky, J. 1925. Neotropische Danaididen in der Sammlung des Polischen Naturhistorischen Staatsmuseums in Warchau. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.**4(3):141-275.
- Keller, J. e F.Keller. 1933. **Relatorio, Exploração do Rio Ivahy**. Curitiba, Departamento de Terras do Estado do Paraná.
- Kózak, V.; Baxter, D.; Williamsom, L. e Carneiro, R.L.1981. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Bol. Inst. Hist. Geogr. Etnogr. Paranaense** 38:1-159.
- Leão, A.E.de. 1900. **Guia do Museu Paranaense de Curitiba**. Curitiba, Impress. Paranaense.
- Leão, A.E.de. 1934. **Índice paranaense [ou] Suplemento [do] Dicionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.
- Leão, E.A.de. 1924-1928. **Dicionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.
- Leis-da-Silva, C. 1865. Diario da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paranan. **Rev. Trimens. Inst. Histor. Geogr. Ethnogr. Brasil** 1-31.
- Lepecki, M. 1962. **Parana i Polacy**. Varsóvia, Wiedza Powszechna.
- Lima, J.L.de 1924. Aves colligidas no Estado de S.Paulo, Matto Grosso e Bahia. **Rev. Mus. Paulista** 12(2):93-106.
- Maack, R. 1941. Algumas observações à respeito da existência e da extensão do arenito superior São Bento ou Caiuá no Estado do Paraná. **Arq. Mus. Paranaense** 1:107-130.
- Maack, R. 1959. Sobre o itinerário de Ulrich Schmidel através do sul do Brasil (1552-1553). **Bol. Fac. Fil. Ciênc. Letras**, ser. Geografia Física 1(2):1-64.
- Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.
- Macedo, F.R.A. 1951. **Conquista pacífica de Guarapuava**. Curitiba, GERPA. 275 pp.
- Manthorne, K.E. 1996. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do Século XIX. **Rev. USP** 30:58-73.
- Martins, R. 1906. **Relatório** apresentado ao Exmo. Sr.Dr. B.Lamenha Lins, Secretário d'Estado dos Negócios do Interior pelo Diretor do Museu Paranaense, em 1º de janeiro de 1906. Curitiba, Impressora Paranaense. 32 pp.
- McAtee, W.L. e Malloch, J.R. 1928. Thyreocorinae from State of Paraná, Brazil. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** 7(1):32-44.
- Mello-Leitão, C. de. 1937. **A Biologia no Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira vol. 99, 331 pp.
- Mello-Leitão, C. de. (1941) **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 360 pp.
- Moojen, J. 1943. **Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo**. Rio de Janeiro, Museu Nacional. 98 pp.
- Moojen, J. 1952. **Os roedores do Brasil**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Científica Brasileira, série A-II, 214 pp.
- Moreira, J.E. 1953. **Vieira dos Santos e a sua contribuição ao estudo do folclore do Paraná**. Curitiba, Cadernos de artes e Tradições Populares do Museu de Arqueologia. 46 pp.

- Moreira, J.E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá** (até a emancipação da Província do Paraná). Curitiba, Imprensa Oficial. 3 vols. 1045 pp.
- Narchi, W. 1980. A Zoologia no Brasil. *In*: M.G.Ferri e S.Motoyama coord. **História das ciências no Brasil**. São Paulo, Edusp. Vol.2, p.89-116.
- Naumburg, E.M.B.1928. Remarks on Kaempfer's collection in Eastern Brazil. **Auk** 44(1):60-65.
- Naumburg, E.M.B.1932. Three new birds from northwestern Brazil. **Amer. Mus. Novit.** 554:1-9
- Naumburg, E.M.B.1933. A study of *Zenaida auriculata*. **Amer. Mus. Novit.** 648:1-15.
- Naumburg, E.M.B. 1935. Gazetteer and maps showing stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay. **Bull.Amer.Mus.Nat.Hist.**68: 449-469.
- Naumburg, E.M.B.1937. Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Conopophagidae, Rhinocryptidae, Formicariidae (part). **Bull.Amer.Mus.Nat.Hist.** 74(3): 139-205.
- Naumburg, E.M.B.1940. Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Formicariidae (part). **Bull.Amer.Mus.Nat.Hist.** 76(6):231-276.
- Neiva, A. 1929. Esboço histórico sobre a Botânica e Zoologia no Brasil: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo, Sociedade Imprensa Paulista. 143 pp.
- Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, vol.VI. Mossoró, Rio Grande do Norte, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleções Mossoroense, série C, vol.861. p.14-15.
- Nomura, H. 1996. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI**, 1º parte. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, volume 884:1-89; 2º parte. *Ibidem*, volume 904:90-193.
- Nomura, H. 1996-1997. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII**, 1º parte. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, volume 914:1-152; 2º parte. *Ibidem*, volume 923:153-298; 3º parte. *Ibidem*, volume 943:299-405.
- Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2º edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, *Ibidem*, vol.936:156-292.
- Nomura, H. 1998. **História da Zoologia no Brasil: Século XVIII**. **Publ. Avuls. Mus. Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2º série, 4, 315 pp.
- Pacheco, J.F. e Whitney, B.M. 2001. Um tributo ao naturalista Friedrich Sellow (1789-1831). **Atualidades Ornitológicas** 100:6-7.
- Papávero, N. 1971. **Essays on the history of Neotropical Dipterology with special reference to collectors (1750-1905)**. São Paulo, Museu de Zoologia, 2 vols., 446 pp.
- Paraná, S. 1899. **Chorographia do Paraná**. Curitiba, Livraria Econômica. 146 pp.
- PARANÁ. 1942. **Guia turístico rodoviário do Estado do Paraná**. Curitiba, Secretaria de Obras Públicas, Viação e Agricultura. 77 pp.
- PARANÁ. 1950. **Guia turístico rodoviário do Estado do Paraná**. Curitiba, Departamento de Estradas de Rodagem. 87 pp.
- Paynter-Jr., R. e Traylor, Jr., M. 1991. **Ornithological Gazetteer of Brazil**. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 2 vols. 788 pp.
- Pelzeln, A. von. (1871) **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp + xx (Itinerarium, von Natterer's Reisen in Brasilien von 1817-1835).
- Pereira, A.N. 1942. **Aspectos meridionais do Brasil**. Curitiba, Ed.Guaíra. 279 pp.
- Petrozolin-Skowronska, B. ed. 1995. **Nowa encyklopedia powszechna PWN**. Varsóvia, Państwowe Wydawnictwo Naukowe-PWN. Vol.1, p.741 (verbete "Chrostowski, Tadeusz").
- Pichorim, M. e Bóçon, R. 1996. Estudo da composição avifaunística dos municípios de Rio Azul e Mallet, Paraná, Brasil. **Acta Biol. Leopoldensia** 18(1):129-144.
- Pinto, O.M.de O. 1938. Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1º parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Rev. Mus. Paulista** 22:1-566.
- Pinto, O.M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil** e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.
- Pinto, O.M. de O. 1946. Cinquenta anos de investigação ornitológica. **Arquivos de Zoologia** 4:261-340
- Pinto, O.M.de O. 1978. **Novo Catálogo das Aves do Brasil**: primeira parte: Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, com exclusão da família Tyrannidae. São Paulo, Empr.Graf.Revista dos Tribunais. 446 pp.

- Pinto, O.M.de O. 1979. **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX)**. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasliensa Documenta vol.13, 117 pp.
- Plaisant, A.C. 1908. **Scenario paranaense**: descrição geographica, politica e historica do Estado do Paraná. Curitiba, Tipografia da República. 220 pp.
- Ramirez, E.S. 1968. **As relações entre a Áustria e o Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Brasileira, vol.337. 260 pp.
- Richter, K. 1986. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. Florianópolis, UFSC e FURB. 86 pp.
- RFFSA. 1985. **Estrada de ferro Paranaguá-Curitiba**: uma viagem de 100 anos. Curitiba, Rede Ferroviária Federal. Edição comemorativa do Centenário da Estrada de Ferro do Paraná. 400 pp.
- Rokitansky, G. 1957. Johann Natterer, Erster Ornithologe Oesterreichs. **Journ. Ornith.**58(2):133-144.
- Rokuski, B.O. 1976. Um século de colonização polonesa no Paraná. **Bol. Inst. Hist. Geogr. Etnogr. Paraná** 28:117-158.
- Roszkowski, W. 1927. Contributions to the study of the family Lymnaeidae VIII: The genus *Pseudosuccinea* from south Brazil. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** 6(1):1-33
- Santa Catarina, 1987. **Contestado**. Rio de Janeiro, Index e Governo de Santa Catarina-Fundação Catarinense de Cultura. 155 pp.
- Saumowski, S. 1923. Pamieci Tadeusza Chrostowskiego. **Swit** 4(44), edição de 30 de outubro de 1923, primeira página.
- Sick, H.; Rosário, L.A. do e Azevedo, T.R.de 1981. Aves do Estado de Santa Catarina: lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. **Sellowia ser.Zoologia** 1:1-51.
- Scherer-Neto, P. e Straube, F.C. 1995. **Aves do Paraná**: história, lista anotada e bibliografia. Campo Largo, Logos Press, 79 pp.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C. e Bornschein, M.R. 1991. Composição avifaunística dos cerrados do Estado do Paraná: levantamento e conservação. **I Congr. Bras. Ornith.**, Resumos p.15-16.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C. e Bornschein, M.R. 1996. Avifauna e conservação dos campos cerrados no Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biol. Leopoldensia** 18(1):145-157.
- Schubart, O.; Aguirre, A.C. e Sick, H. 1965. Contribuição para o conhecimento da alimentação das aves brasileiras. **Arq. Zool. Est. São Paulo** 12:71-94.
- SIA-Smithsonian Institution Archives. 1997. Emmet Reid Blake. Washington, Smithsonian Institution Archives, **Record Unit nº 7308**. American Ornithologists' Union, Biographical File. 5 pp.
- Sick, H. 1983. Die Bedeutung von Johann Baptist von Spix für die Erforschung der Vogelwelt brasiliens. *In*: E.J.Fittkau ed. Festschrift zu Ehren von Johann Baptist Ritter von Spix. **Spixiana**, supl.9:29-31.
- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 862 pp.
- Silva, J.M.C.da. 1995a. Avian inventory of the Cerrado Region, South America. **Bird Conserv. Intern.** 5:15-28.
- Silva, J.M.C.da. 1995b. Biogeographic analysis of the South American Cerrado avifauna. **Steenstrupia** 21:49-67.
- Silva, J.M.C.da. 1995c. Birds of the Cerrado Region, South America. **Steenstrupia** 21:69-92.
- Silva, J.M.C.da. 1997. Endemic bird species and conservation in the Cerrado Region, South America. **Biodiv. Conserv.** 6:435-450.
- Slabczynscy, W. e Slabczynscy, T. 1992. **Słownik podrozników polskich**. Varsóvia, wiedza Powszechna, p. 61 (verbete: "Chrostowski Tadeusz").
- Straube, F.C. 1990a. Tadeusz Chrostowski (1878-1923). **Bol. Soc. Bras. Ornith.**17, n.p.
- Straube, F.C. 1990b. Notas sobre a distribuição geográfica de *Eleothreptus anomalus* (Gould, 1837) e *Caprimulgus longirostris longirostris* Bonaparte, 1825 no Brasil. **Acta Biol. Leopoldensia** 12(2):301-312.
- Straube, F.C. 1993a. Tadeusz Chrostowski, pai da Ornitologia no Paraná. **Atual.Ornith.**52:3.
- Straube, F.C. 1993b. Tadeusz Chrostowski. **Mayeria**: Bol.Inf.Mus.Hist.Nat. Capão da Imbuia 6, n.p.
- Straube, F.C. 1993c. Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biol.Leopoldensia** 15(1):5-20.
- Straube, F.C. 1998b. O cerrado no Paraná: ocorrência original e subsídios para sua conservação. **Cad. Biodivers.** 1(2):12-24.
- Straube, F.C. 2000. Johann Natterer (1787-1843): naturalista-maior do Brasil. **Nattereria** 1:4-13.
- Straube, F.C. e Bornschein, M.R. 1995. New or noteworthy records of birds from northwestern Brazil and adjacent areas (Brazil). **Bull. Brit. Ornith. Club** 115(4):219-225.

- Straube, F.C.; Bornschein, M.R. e Scherer-Neto, P. 1996. Coletânea da avifauna da região noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil). **Arq. Biol. Tecnol.** **39**(1):193-214.
- Straube, F.C. e Urben-Filho, A. 2001. Tadeusz Chrostowski (1878-1923): biografia e perfil do patrono da Ornitologia paranaense. **Bol. Inst. Hist. Geogr. Paraná** **52** (no prelo).
- Straube, F.C. e Urben-Filho, A. em prep. **As viagens de Tadeusz Chrostowski no Paraná: uma revisão histórica, geográfica e biológica das expedições do naturalista polonês ao Estado do Paraná.** Em preparação.
- Suchodolski, B. ed. 1963. **Wielka encyklopedia powszechna PWN.** Varsóvia, Państwowe Wydawnictwo Naukowe -PWN. Vol.2, p.507 (verbete "Chrostowski, Tadeusz").
- Sztolcman, J. 1921. Aperçu historique concernant le Musée Polonais d' Histoire Naturelle. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** **1**(1):1-8.
- Sztolcman, J. 1923. Tadeusz Chrostowski. **Przegląd Geograficzny** **4.** Kronika geograficzna [Chronique géographique].
- Sztolcman, J. 1926a. Étude des collections ornithologiques de Paraná. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** **5**(3):107-196.
- Sztolcman, J. 1926b. Revision des oiseaux néotropicaux de la collection du Musée Polonais d' Histoire Naturelle à Varsovie.I. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** **5**(4):197-235.
- Sztolcman, J. e Domaniewski, T.1927. Les types d'oiseaux au Musée Polonais d' Histoire Naturelle. **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** **6**(2):95-194.
- Tempiski, E.D. 1971. Quem é o polonês. **Bol. Inst. Hist. Geogr. Etnogr. Paranaense** **14**:1-498. Volume Especial, Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa para o Paraná.
- Tenebaum, S. 1927. Verzeichnis der im Staate Paraná (Brasilien) gesammelten Cassidini (Coleoptera). **Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur.** **6**(1):34-38.
- Taunay, A.de E. 1926. Ernesto Garbe (1853-1925). **Rev. Mus. Paulista** **14**:677-683.
- Taunay, A.de E. 1937. João Leonardo de Lima: naturalista do Museu Paulista (1874-1936). **Rev. Mus. Paulista** **21**:1058-1062.
- Teixeira, D.M. 1992. As fontes do paraíso: um ensaio sobre a Ornitologia no Brasil holandês (1624-1654). **Rev. Nordest. Biol.** **7** :1/2: 1-149.
- Teixeira, D.M.; Nacinovic, J.B. e Schloemp, I.M. 1991. Notas sobre alguns Passeriformes brasileiros pouco conhecidos. **Ararajuba** **2**:97-100.
- Theodoro, J. 1996. Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). **Rev.USP** **30**:76-81.
- Thomas, O. 1901. On mammals obtained by Mr.Alphonse Robert on the Rio Jordão, Minas Geraes. **Ann. Mag. Nat. Hist.** **7** :526-536.
- Thomas, O. 1902. On mammals from the Serra do Mar of Paraná, collected by Mr.Alphonse Robert. **Ann. Mag. Nat. Hist.** **7** (4):59-64.
- Thomas, O. 1903. New species of *Oxymycterus*, *Thrichomys*, and *Ctenomys* from S.America. **Ann. Mag. Nat. Hist.** **7**(11):226-229.
- Thomas, O. 1909. Notes on some South-American Mammals, with descriptions of new species. **Ann. Mag. Nat. Hist.** **8** (4):230-242.
- Thomas, O. 1912. On certain of the smaller S.American Cervidae. **Ann. Mag. Nat. Hist.** **8**(11):585-589.
- Thomas, O. 1917. Notes on the species of the genus *Cavia*. **Ann. Mag. Nat. Hist.** **8**(19):152-160.
- Traylor, M.A. e Willard, D.E. 1999. *In memoriam*: Emmet Reid Blake, 1908-1997. **Auk** **116**(2):536-538.
- Trevisan, E. 1976. A gênese do Museu Paranaense (1874-1882). **Arquivos do Museu Paranaense, História** **1**:1-51.
- Urban, I. 1908. Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasiliensis ratio edendi chronologica systema, index familiarum. p.1-154. *In* K.P.von Martius *et al.* **Flora Brasiliensis**, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas **1** (1): 1-154 + 266 + 31 pp.
- Vanzolini, P.E. 1981. The scientific and political contexts of the Bavarian Expedition to Brazil. Introduction. *In*: K.Adler ed. **Herpetology of Brazil by J.B.von Spix and J.C.Wagler.** Society of Study of Amphibians and Reptiles, p.ix-xxix, ed.fac-similar.
- Vanzolini, P.E. 1996. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Rev. USP** **30**:190-238.
- Vanzolini, P.E. 1993. As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835. **Pap. Avuls. Zool.** **38**(3):17-60.
- Vanzolini, P.E. 1992. **A supplement to the Ornithological Gazetteer of Brazil.** São Paulo, Museu de Zoologia. 251 pp.

- Vanzolini, P.E. 2000. Notes on the south american reptiles in the collection of the Naturhistorisches Museum, Vienna. **Papéis Avulsos de Zoologia** 41(9):135-154.
- Wachowicz, R.C. 1969. Perfis de personalidades paranaenses. In: V.J.T.Ribas e F.El-Khatib eds. **História do Paraná**. 3º volume. Curitiba, Grafipar. 329 pp.
- Wachowicz, R.C. 1981. **O camponês polonês no Brasil**. Curitiba, Casa Romário Martins. 149 pp.
- Wachowicz, R.C. 1994. Tadeusz Chrostowski, um naturalista polono-paranaense. **Rev. Acad. Paran. Letras** 32:188-202.
- Wachowicz, R.C. e Malczewski, Z. 2000. **Perfis polônicos no Brasil**. Curitiba, Braspol. 476 pp.
- Wolski, T. 1937. **Polski słownik biograficzny**. Kraków, Polska Akademia Umiejetnosci. Vol.3, p.449-450.
- Zimmer, C.T. 1931. Studies on peruvian birds. I: New and other birds from Peru, Ecuador, and Brazil. **Amer. Mus. Novit.** 500:1-23.
- Zimmer, C.T. 1936a. Studies on peruvian birds. XXII: Notes on Pipridae. **Amer. Mus. Novit.** 889:1-29.
- Zimmer, C.T. 1936b. Studies on peruvian birds. XX: Notes on the genera *Pseudocolaptes*, *Hylocytes*, *Hylocryptus*, *Thripadectes*, and *Xenops*. **Amer. Mus. Novit.** 863:1-25.
- Zimmer, C.T. 1936c. Studies on peruvian birds. XXIV: Notes on *Pachyramphus*, *Platypsaris*, *Tityra*, and *Pyroderus*. **Amer. Mus. Novit.** 894:1-26.
- Zimmer, C.T. 1937. Studies on peruvian birds. XXVIII: Notes on the genera *Myiarchus*, *Conopias*, *Myiozetetes* and *Pitangus*. **Amer. Mus. Novit.** 963:1-28.
- Zimmer, C.T. 1939a. Studies on peruvian birds. XXX: Notes on the genera *Contopus*, *Empidonax*, *Terenotriccus* and *Myioibius*. **Amer. Mus. Novit.** 1042:1-12.
- Zimmer, C.T. 1939b. Studies on peruvian birds. XXI: Notes on the genera *Myiotriccus*, *Pyrrhomyias*, *Myiophobus*, *Onychorhynchus*, *Platyrinchus*, *Cnipodectes*, *Sayornis*, and *Nuttalornis*. **Amer. Mus. Novit.** 1043:1-15.
- Zimmer, J.T. 1944. *In memoriam*: Charles Eduard Hellmayr. **Auk** 61(4):616-622.
- Zimmer, C.T. 1948. Studies on peruvian birds. n°53: The family Trogonidae. **Amer. Mus. Novit.** 1380:1-56.
- Zimmer, C.T. 1955a. Further notes on Tyrant Flycatchers (Tyrannidae). **Amer. Mus. Novit.** 1749:1-24.
- Zimmer, J.T. 1955b. *In memoriam*: Elsie Margaret Binger Naumburg. **Auk** 72(3):265-266.